



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

CLÁUDIA OLIVEIRA CHAVES

**LETRAMENTO NOS 2º e 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA**

CARINHANHA – BA

2013

CLÁUDIA OLIVEIRA CHAVES

**LETRAMENTO NOS 2º e 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE
UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dra. Norma Lúcia de Queiroz.

CARINHANHA – BA-

2013

CHAVES, Cláudia Oliveira. Letramento nos 2º e 3º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública, no município de Carinhanha-Ba, dezembro de 2013. **P. 75**. Faculdade de Educação- FE, Universidade Aberta do Brasil- UAB-UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UAB-UnB

LETRAMENTO NOS 2º e 3º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-BA

CLÁUDIA OLIVEIRA CHAVES

Monografia apresentada como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de licenciado em Pedagogia a distância pela Faculdade de Educação– FE da Universidade Aberta do Brasil UAB – UnB.

Banca Examinadora

Professora (orientadora). Dra Norma Lúcia de Queiroz

Profª. MsC. Sandra Regina Santana Costa (Examinadora)

Profª. MsC Neuza Maria Deconto (Examinadora)

Profª. Dra. Silmara Carina Dorneles Munhoz (Examinadora suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, de modo especial a Deus, pois sem ele eu não teria conseguido realizar o mesmo, aos meus tutores presenciais e à distância e aos meus queridos professores que foram pacientes e compartilharam comigo seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo. (...) a escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. “Madalena Freire” (1996).

Ninguém faz história sozinho, nem constrói isolado o conhecimento. Quero agradecer, primeiramente, a Deus pelas oportunidades que me foram dadas. E também às pessoas que se entusiasmaram com o meu crescimento e desenvolvimento, que sentaram nas arquibancadas da vida e aplaudiram todas as minhas vitórias, choraram com minhas derrotas e me incentivaram, torcendo por cada degrau alcançado. Agradeço àquelas pessoas que foram protagonistas desse evento, que participaram ativa e diretamente dessa construção. Portanto, agradeço...

À minha família pela compreensão. De modo especial a minha querida mãe, que além de estar ao meu lado, me ajudou incessantemente a alcançar e desfrutar do melhor lado da vida.

Aos meus irmãos que a todo o momento me diziam; “vai, você consegue!”.

Ao meu querido esposo que foi paciente e fugiu quando me via incansavelmente falando de outros homens; Freud, Descartes, Piaget, Wallon, Vigotsky, Deleuze, Freire, Boff, Morin, etc.

À minha querida filha de um aninho. Pessoinha que me inspira a continuar formando e transformando a minha realidade. Aos meus mestres pela orientação, em especial a professora Norma Lúcia de Queiroz, por terem me norteado sempre que necessitei dos seus conhecimentos e as minhas queridas colegas Denilda, Eunice, Ilma, Marinalva e Maria Nazaré, pela amizade e companheirismo.

“Muito obrigada

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo analisar o conceito de alfabetização e letramento, dentro do processo ensino e aprendizagem, com professoras dos 2º e 3º anos do ensino fundamental de uma escola pública da zona rural, município de Carinhanha- Ba. Este estudo tem como objetivo central analisar o conceito de letramento no âmbito do processo de alfabetização, discutindo entre outras questões, quais as possíveis relações entre alfabetização e letramento bem como as quatro professoras pesquisadas conciliam esse trabalho em suas práticas pedagógicas. Na elaboração do presente estudo foi necessária uma pesquisa de campo, utilizando como técnica de coleta de dados a observação, complementada por questionários abertos e entrevistas semiestruturadas. Para dar sustentação teórica na discussão dos dados coletados, foram necessárias algumas leituras de estudiosos da temática em torno do Letramento, dentre eles destaco: Vigotsky, (1984) Castorina, (1998) Cagliari, (1998) Magda Soares, (2003, 2004, 2009) Oliveira, (1992) Mary Kato, (1986), entre outros. Para análise, discussão e interpretação dos dados recolhidos em campo, optei pela abordagem qualitativa da pesquisa, de natureza descritiva. A análise e discussão dos dados mostraram os seguintes resultados: segundo o dicionário Aurélio, (2005, p. 67) **alfabetização** é a “ação, modo ou processo de alfabetizar, ou o resultado daí proveniente” e “alfabetizar consiste no ensinar a ler e a escrever”. Para Soares (2003, p. 08) diz que no Brasil “(...) a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização” e as professoras reforçam dizendo que alfabetização e letramento são conceitos diferentes, mas inter-relacionados, que precisam andar juntos, pois, a alfabetização sozinha não é capaz de preparar o educando para os conhecimentos exigidos pela sociedade atual, assim como a criança que mora em uma sociedade letrada não pode ser considerada alfabetizada, se não passar pelo processo de alfabetização. Portanto, a restrição de um desses e a falta de materiais didáticos são fatores contribuintes para o fracasso escolar.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento, Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

Dedicatória.....	05
Agradecimentos.....	06
Resumo.....	07
Apresentação.....	10
1ª PARTE: Memorial Educativo.....	12
1.1 Relembrar é mais que reviver o momento passado.....	13
1.2 O que é um memorial?.....	14
1.3 Como tudo começou.....	14
1.4 O que passou, o que permaneceu?.....	16
1.5 Meus anos finais no Ensino Fundamental.....	18
1.6 Ensino Médio: um sonho a se realizar.....	19
1.7 Faculdade: sonho quase impossível, mas que se torna realidade.....	20
2ª PARTE: Pesquisa.....	38
2.1 Introdução.....	39
2.2 Objetivos: geral e específicos.....	42
CAPÍTULO I - Referencial Teórico.....	43
1.1 Práticas sociais de leitura e escrita: peça chave para a aprendizagem.....	43
1.2 O que é alfabetização?.....	44
1.3 O que é letramento?.....	46
CAPITULO II – Metodologia.....	54
2.1 Contexto da pesquisa.....	55
2.2 Participantes da pesquisa.....	58
2.3 Instrumentos da análise de dados.....	58
2.4 Procedimentos da coleta de dados.....	58

2.5 Procedimentos de análise de dados.....	59
CAPÍTULO III – Análise e interpretação dos resultados encontrados.....	61
Considerações finais.....	68
Referencias.....	70
Apêndices.....	71
3ª PARTE: Perspectivas profissionais no campo da pedagogia.....	75

APRESENTAÇÃO

Este trabalho final de curso é um requisito parcial necessário à conclusão de graduação em Licenciatura em Pedagogia a distância pela Faculdade de Educação–FE da Universidade Aberta do Brasil UAB-UnB.

Ele é composto por três partes fundamentais e complementares. São elas: Memorial Educativo, o Trabalho de Pesquisa e por fim, porém, não menos importante, as Perspectivas Profissionais no Campo da Pedagogia.

A primeira parte diz respeito ao Memorial Educativo. Nele, relato toda minha história, desde a infância até o meu término do ensino superior na faculdade. Instalei nesse espaço todas as minhas alegrias, tristezas, frustrações, ansiedades, dificuldades, sonhos, desejos e sucessos alcançados.

A segunda parte tem como objetivo apresentar o trabalho monográfico, refletindo sobre o letramento na contemporaneidade, oferecido nos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública no município de Carinhanha no Estado da Bahia, a partir do olhar das quatro professoras, sendo que duas atuam no 2º ano e duas no 3º ano do ensino fundamental na instituição analisada.

No primeiro capítulo trabalhamos o referencial teórico, no qual utilizei trabalhos de vários autores que problematizaram a temática investigada neste trabalho, bem como No segundo capítulo, apresentamos a Metodologia utilizada no presente estudo, em que se destaca a abordagem qualitativa da pesquisa, de natureza descritiva. Como instrumentos de coleta em campo, utilizei a observação e a entrevista com perguntas semiestruturadas abertas. As observações foram feitas em quatro salas de aula em um período de 16 horas totais. As entrevistas com perguntas semiestruturadas foram feitas com as quatro professoras observadas: duas do 2º e duas do 3º anos do ensino fundamental.

Já no terceiro capítulo, apresento os dados coletados em campo, com a devida discussão e análise dos mesmos. Para a análise desses dados, fez-se necessário elaborar algumas categorias de análise, a partir de organização, sistematização dos dados recolhidos, por meio da observação em quatro turmas selecionadas, bem como, do exame dos questionários aplicados e das entrevistas feitas. Articulados a esses dados empíricos está a fundamentação teórica, fundamentada

na leitura de alguns dos principais autores e estudiosos da temática do letramento, objeto do presente estudo.

Na terceira parte, apresento as minhas perspectivas profissionais. Após todas as minhas vivências, práticas e reflexões, explico neste espaço, minha posição sobre a escolha profissional e a permanência na mesma futuramente, incluindo minhas esperanças, perspectivas, dúvidas e inquietações.

Na terceira parte, trabalhamos as minhas perspectivas profissionais. Após todas as minhas vivências e reflexões, usamos este espaço para colocar a minha posição sobre a escolha profissional e a permanência na mesma futuramente. Nesse espaço sinto-me à vontade para falar sobre minhas inquietações e desejos de mudanças.

PARTE I
MEMORIAL EDUCATIVO

1.1 RELEMBRAR É MAIS QUE REVIVER O MOMENTO PASSADO

Esta parte do trabalho foi destinada para colocar minhas lembranças e dessas tirar minhas análises. Aqui me sinto á vontade para, silenciosamente, ouvir as vozes que me fizeram crescer e me desenvolver até o presente momento. Este espaço me fez abrir um novo olhar, baseado em um passado, às vezes aberto, às vezes sombrio, mas contribuiu diretamente para me fazer ser quem sou.

Falo aqui sobre minha infância,, lembrando momentos que passei ao lado de familiares, colegas e professores, incluindo também a fase adulta e minha trajetória acadêmica no curso de Pedagogia.

Relembrar é mais que reviver o momento passado. É voltar no tempo com o objetivo de dar a você mesmo a oportunidade de mudança. De sentir-se capaz de construir, reconstruir, ampliar e criar novos paradigmas para fazer a diferença no que se deseja mudar. Enquanto escrevemos estamos lembrando, como diz Freire, (1996), *apud* Ostetto, (2008, p. 41):

Mediados pelo registro deixamos nossa marca no mundo. (...) A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É neste sentido que o restrito escrito amplia a memória e historiciza o processo, em seus momentos e movimentos na conquista do produto de um grupo.

Este memorial educativo é parte integrante do trabalho de conclusão de curso e tem como objetivo descrever um passado de lutas, conquistas, anseios, frustrações e emoções. Todo esse passado lembrado agora me dá a sensação de que uma etapa foi vivida; refletida e, acima de tudo, re/construída. Não posso negar que foi pelo que fiz que sou quem sou hoje.

Relembrar a minha história de vida, me fez abrir agora um novo olhar. Esse novo olhar me mostrou a educação que tive e convidou-me a direcionar uma nova análise sobre outros paradigmas. Hoje, com o conhecimento mais amplo, posso refletir minha trajetória e deixar minha marca no presente.

Acredito que olhar o passado nos dá o direito de questioná-lo, pois o que faz a diferença não é como aprendemos, mas como construímos os saberes escolares e da vida cotidiana.

1.2 O QUE É UM MEMORIAL?

As histórias não são feitas sozinhas. As lembranças servem para compreendermos melhor o nosso tempo vivido. O memorial é a junção das lembranças com as histórias contadas e escritas, numa folha em branco que designa a nossa vida de formação e de transformação na sociedade.

O memorial tem o poder de declarar quem nós fomos e quem nós somos, e abre espaço para a nossa autoavaliação, nos dando a oportunidade de planejarmos e decidirmos o que queremos ser. Faz-nos pensar no que poderia ser diferente. Faz-nos rir, chorar, alegrar, emocionar e mostrar sentimentos talvez jamais revelados em nenhum outro momento.

Essas rememorações têm o objetivo de dar a nós mesmos o direito de refletir sobre o nosso crescimento e desenvolvimento como pessoa; ser humano, dotado de competências para mudar a si mesmo e o mundo que o cerca, buscando sempre o respeito e a valorização do outro.

A história é construída num passado e relembra no presente. Faz-se no meio, seja ele cultural, social, familiar ou profissional, ou todos eles. O interessante é que cada pessoa tem a sua, derivada do seu modo de ser, ou melhor, do modo que foi, porém o que faz realmente a diferença é a nossa decisão, por conceder a nós mesmos um ser crítico, ativo e (re) construtivo à transformação, a mudanças derivadas de um passado, literalmente vivo.

1.3 COMO TUDO COMEÇOU

Uma pequena vila foi fundada no município de Carinhanha há 33 anos. Área administrada pelo INCRA nos primeiros anos. Logo em seguida foi transferida a responsabilidade para a Prefeitura Municipal. Conhecida como Agrovila 15, apesar de pequena, teve sua história bem ampla e, em alguns momentos, duvidosa. Por aqui, pessoas de várias cidades e capitais chegavam para morar. Dessa forma, a cultura local foi se fundindo. Várias mulheres, que por aqui dedicaram suas vidas, deram à luz a seus bebês. Entre esses nasceu uma garotinha, no dia 22 de fevereiro de 1984, morena clara, de olhos escuros, filha de pais humildes; sofredores, que

precisavam andar léguas em busca de água, literalmente potável para beber, lavar roupas, tomar banho, cozinhar, etc. Seus pais chamavam-se Benedito e dona Odília. Seis meses depois do nascimento, essa pequena criança recebeu um nome que, aliás, foi inspirado por um médico. Dona Odília, ao levar essa menininha para uma consulta, precisava com urgência encontrar um nome para preencher a ficha. Nesse momento o médico, antes de entrar para o seu consultório, brinca com a criança e pergunta qual o nome dela. Em questão de segundos, a enfermeira chama;

_ Dr. Cláudio... !! Minha mãe responde a pergunta feita pelo médico:

- Ela se chama Cláudia. Ele disse; muito bonito o nome.

Essa garotinha sou eu. Hoje com 29 anos. Sempre gostei de estudar, mas nunca tive nada fácil. Quando tinha sete meses de vida minha mãe se separou do meu pai. Ela já não aguentava mais tanto sofrimento, tantas agressões vindas da parte dele. Ele a espancava todo dia. Éramos três filhos e na separação, ele decidiu levar os meus dois irmãos, que eram mais velhos que eu, sendo assim, ficou apenas eu e minha mãe. Dois anos mais tarde, minha mãe arrumou outro companheiro com quem viveu junto por 13 anos. Durante esse período ela teve mais três filhos. O que era para ficar melhor teve sua história revertida. Talvez por ironia do destino, ela voltou a sofrer. Não porque ele fosse um pai ou padrasto ruim, mas porque veio a falecer e nos deixou. Nesse momento, percebi em minha mãe um olhar de muito ódio sobre mim, por ser filha de um homem que ela odiava e que não ajudava na pensão alimentícia. Ouvia sempre ela dizer; o que eu teria que conseguir para apenas uma criança, agora é pouco, vou ter que trabalhar dobrado, pois agora são quatro crianças.

Algumas pessoas pediam que nos doasse, mas ela nunca fez isso e demonstrava raiva quando se falava sobre esse assunto. Mesmo com tantas dificuldades, ela decidiu cuidar da gente. Não foi fácil, mas ela conseguiu.

Como toda criança, tinha um sonho; queria ser cantora. Nas peças escolares sempre participei, dava o máximo de mim; cantava, imitava atrizes, fazia apresentações, etc. Aos treze anos, comecei a compor músicas, mas a todo o momento minha mãe criticava a minha fantasia de criança, que para ela era uma

perda de tempo. Não sabia como definir a música, mas hoje vejo que tinha ela como inspiração para tudo que eu fazia.

1.4 O QUE PASSOU? O QUE PERMANECEU?

A minha trajetória escolar não foi das melhores, passei por muitas dificuldades tanto físicas quanto psíquicas. Naquela época, só ingressavam na escola as crianças que já tinham sete anos completos. Comecei a trabalhar e estudar com sete anos e para ir à escola tive de comprar meus materiais escolares, minhas roupas e calçados. Para mim aquela vida era normal. Eu me sentia como uma criança que trabalhava, estudava e ainda conseguia ser feliz. Sempre fui muito dedicada aos estudos. Apesar do cansaço, conseguia fazer as atividades pedidas pelos professores.

A minha professora da primeira série do ensino fundamenta era maravilhosa, meiga e sabia como agradar as crianças. Sempre pegava em minha mão para auxiliar nas tarefinhas. Ainda lembro-me do seu nome: Ana Maria. A 1ª série do ensino fundamental poderia definir como - bons tempos. Amava ir à escola. Na época não tinha merenda escolar e todas as crianças precisavam ir em suas casas fazer o lanche. Muitas crianças ficavam em frente à escola até o sino tocar novamente, pois em suas casas também não tinham nada para comer. Fui uma dessas crianças. Chorei muitas vezes de fome. O dia que podia ir a casa, a minha mãe avisava; hoje pode vir, tem um lanchezinho para você. Não sabia o quanto a fome atinge o corpo e a mente da criança. Nunca faltei um dia de aula e procurava fazer todas as atividades.

Na 2ª série do ensino fundamental, senti um pouco de dificuldade para aprender a ler e escrever. Pelo fato de trabalhar mais, sempre chegava cansada na escola. A professora era grossa: estúpida e não pensava duas vezes para expulsar uma criança. Todos tinham medo dela. A maioria se calava, ninguém perguntava nada. Nem ela mesma perguntava se a gente estava aprendendo o assunto estudado. Caso algum de nós disséssemos; professora, explica de novo, por favor! A resposta era: “não vou explicar, vocês não têm besta aqui na frente, além do mais, vocês só aprendem se rachar a cabeça e colocar os conteúdos dentro”. Foi um ano que

marcou a minha vida negativamente, porém, serviu de exemplo para que eu como pedagoga ou futura pedagoga não use esse discurso com meus alunos.

A 3ª série foi bem melhor. Tive como professor, - o Sr -Sebastião Moraes, popularmente, Moraes. Sua educação se baseava no método da palmatória. Todos precisavam fazer a lição ou eram alvos da punição.

Lembro-me quando o professor passava as atividades, eu era a primeira a responder. Quando ele terminava de copiar, já havia terminado de copiar e responder. Ele não gostava. Certa vez ficou muito bravo comigo. Hoje, me pergunto; o que tinha de errado nisso? Se eu respondia era porque sabia. Deveria ser motivo de orgulho e incentivo.

Sempre ouço as pessoas dizerem que quem decora não aprende. Não sei se posso dizer que acredito nisso, pois, durante toda a minha trajetória escolar, o método de ensino se baseava na decoreba. Como posso dizer que não sei nada hoje? Então fica a pergunta; Qual a diferença em decorar e aprender? Será que quando a pessoa decora, ela não acaba aprendendo, já que para decorar ela precisa ler muito e muito? Hoje não é mais permitido esse método de ensino, mas confesso que quase tudo o que sei, foi baseado nesse modelo. Então, o que realmente faz diferença? Será que não é vontade do aluno em aprender? O incentivo precisa estar presente para ocorrer a aprendizagem, sem desconsiderar, que quem quer aprender procura não mostrar esforço, seja qual for o método usado, para alcançar essa aprendizagem.

Hoje, vivemos em um mundo, no qual a educação está sempre buscando um modelo de ensino que foi e é alvo de muitas pesquisas, e que ainda é instigante para grandes teóricos da educação.

Não posso dizer que a educação ensinada há tempos atrás era errada, posso dizer apenas que era “diferente”, pois estamos sempre em transformação, diferente do trabalho feito pelos animais, especialmente, as abelhas e as formigas que há milhares e milhares de anos realizam verdadeiros prodígios de arquitetura fora ou debaixo da terra, mas nesses e em outros animais, o fazer não é o criar.

Na minha trajetória escolar, poucos ou quase nenhum livros foram usados como recursos didático-pedagógicos ou outros materiais escolares distribuídos para o nosso desenvolvimento. A gente aproveitava ao máximo, quando um simples livro caía em nossas mãos.

Nessa mesma época o professor usava o método de pergunta-resposta. Ele passava dez perguntas e dez respostas. Na prova tudo teria que estar idêntico, até a vírgula colocada por ele.

A quarta série também foi trabalhada pelo mesmo professor da 3ª série. Sempre havia a questão da decoreba, principalmente, Ciências e Estudos Sociais. O método de ensino era o mesmo, baseava-se em um pensamento formal, ou seja, considerava as coisas em repouso. Se o professor pregasse que todos os índios eram iguais e possuísem culturas e ensinamentos iguais, toda escola iria aprender dessa forma, durante anos e anos. Sem direito à pesquisa.

1.5 MEUS ANOS FINAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Naquela época o período entre a 5ª e 8ª série, hoje conhecido como 6º e 9º ano do Ensino Fundamental, atendia aos alunos à noite. Entrávamos às 18h30min e saíamos às 22h30min. Eu tinha apenas 12 anos. Era considerado um absurdo pela comunidade uma garotinha dessa idade estudar à noite, mas ninguém fazia nada, pois a primeira e última palavra era dada por alguém considerado poderoso na comunidade: “o diretor”. Sempre dormia nas últimas aulas. Alguns colegas até brincavam e me deixavam na sala após o término das aulas. Por outro lado, adorava estudar matemática. Era a minha disciplina favorita.

O horário noturno das aulas foi decidido pela comunidade escolar e também pelas famílias, pois os adolescentes precisavam trabalhar durante o dia para ajudar no sustento da casa e até mesmo com os materiais de estudo.

Na 7ª série já houve algumas mudanças em relação ao modelo de ensino. Tinham muitos trabalhos em grupos, e os mesmos começavam a ser valorizados pelo professor, considerando o nosso conhecimento e respeitando o nosso ponto de

vista. Era visível a inclusão da Pedagogia progressista, na qual a prática trazia uma metodologia problematizadora, valorizando o saber do educando.

Acredito que a partir daí já se começou a ver nessa escola um pensamento dialético, no qual o modelo de pensamento compreende o indivíduo como um ser ativo para o desenvolvimento da aprendizagem. Aqui já se percebe um caráter aberto e acentuado de construção e o ser humano é parte fundamental das mudanças, sendo valorizado por suas descobertas.

Na 8ª série também considerei um momento bem difícil. Mesmo já participando de um a educação que dava espaço ao sujeito para falar, sua fala não tinha muita importância. Éramos vistos assim; se está aqui é porque veio aprender, então não tem muito coisa para passar.

Lembro-me de uma vez em que respondi uma pergunta feita professora. Eu sabia que a minha resposta não estava errada, mas ela, porém, respondeu:

- Se soubesse a resposta não estaria aqui e sim, no Ensino Médio. E acabou ficando por isso mesmo.

Hoje percebo que a educação deve ter como peça crucial o aluno. Desta maneira, suas respostas precisam ser ampliadas pelo professor pelos próprios alunos. Como podemos pensar em uma educação de qualidade, se não valorizamos o dia a dia do educando?

1.6 ENSINO MÉDIO: UM SONHO A SE REALIZAR

Saindo do Ensino Fundamental fui direto para o Ensino médio (antigo magistério). Aqueles momentos, para mim, eram um sonho realizado. Na minha família nenhum dos filhos consegui chegar a esse ponto. Isso por falta de oportunidade. Então para minha mãe, me ver cursando o magistério era como se tivesse fazendo um curso de direito, ou algo do nível.

Nesse período comecei a entender melhor o que estava ao meu redor. Nunca fui uma pessoa agressiva, mas compreendi ainda mais que os conflitos melhor se amenizam quando utilizamos o diálogo.

Esses anos de ensino médio vieram a somar toda a minha trajetória como pessoa e futura profissional. Ali, tive uma experiência impar: criar, desenvolver e apresentar um projeto em sala de 1ª série do ensino fundamental.

Trabalhar com crianças me fez, além de ver, sentir a importância de ter profissionais qualificados que atendessem. E esse público apresenta diversas necessidades, portanto, precisava de atendimentos diversos. Também percebi que não havia muito que se fazer. Não tinha nenhuma experiência em sala de aula e os recursos fornecidos pela escola eram mínimos. Tentei dar o melhor de mim e ali descobri a paixão pela Pedagogia.

Terminei o ensino médio aos 18 anos. Hoje, depois de dezessete anos de estudo posso ver que aquelas aulas eram dirigidas por metodologias que se encaixavam em um modelo de educação bancária. Mentes vazias, expostas para serem recheadas com conteúdos, jamais discutidos pelo aluno. Vejo também que esse depósito de conteúdos não gerava cidadãos para atuar como seres críticos-reflexivos, mas seres impotentes diante de sua própria realidade.

1.7 FACULDADE: SONHO QUASE IMPOSSÍVEL, MAS QUE SE TORNA REALIDADE

Em 2009, fiquei sabendo que as inscrições do vestibular da UAB/UnB estavam abertas. Pensei; esta é a minha chance. Como já tinha um pouco de experiência em sala de aula, decidi ampliar a carreira, escolhendo Licenciatura em Pedagogia. Passei. Desde então me dedico de corpo e alma a essa faculdade.

No início do curso não foi nada fácil, pois, nunca tinha usado um computador, e mais, nunca imaginei que todos os meus trabalhos seriam postados em um computador para serem enviados aos professores que se encontravam há muitos quilômetros de distância. De início cheguei a pensar: não vou conseguir.

Como em minha localidade passaram mais cinco colegas no mesmo curso, resolvi pedi ajuda. Elas também me disseram que estavam sentindo dificuldades. Das seis, apenas uma comprou um computador. E então o que fazer? Decidimos distribuir horários para cada uma. Foi muito difícil. O meu horário era justamente o horário

que a dona da casa estava no trabalho. Não me sentia à vontade, ficar em uma casa onde nunca havia frequentado. E mais: lá em Brasília detectava que a mesma ID era usada por várias pessoas. O que fazer? Cada uma precisava ter o seu. Foi então que cada uma começou a comprar o seu computador, isso dois anos mais tarde.

Aos poucos tudo foi acontecendo e eu me adaptando. A minha família não esteve de fora em nenhum momento. Sempre me apoiou. As primeiras semanas de curso foram estarrecedoras. A cada momento, novas dúvidas, dificuldades e perguntas surgiam. O que é fórum? O que é AVA? O que é Google? Imagine conviver com tantas perguntas ao mesmo tempo.

Em um povoado rural com mais de 3.000 mil habitantes provavelmente existia cerca de apenas cinco computadores. Moro a 80 km do Polo, que fica localizado em Carinhanha, no qual recebe as turmas da UAB 1, UAB 2, UAB 3, de Letras e Pedagogia. As minhas condições financeiras, até então, não davam para ir todo final de semana ao Polo. Essas foram algumas das dificuldades encontradas para a minha permanência no curso.

Lembro-me como se fosse hoje das primeiras disciplinas do curso: “Antropologia e Educação” que tinha como objetivo retratar o começo de tudo e a relação entre homem e natureza. Fez-nos criar um novo olhar sobre os recursos que o planeta nos oferece e chamou a nossa atenção para o consumismo exacerbado para o nosso bem-estar.

A disciplina foi supervisionada por uma professora muito exigente. Muito exigente e sempre dizia que por onde ela passa o rastro fica. Realmente, foi difícil, pois, por ser no começo de curso muitos de nós ainda não conseguiam ler de forma mais aprofundada os textos e a quantidade exigida de leituras no tempo estipulado. Sem as leituras era muito difícil elaborar os trabalhos com boa qualidade.

A disciplina “Perspectivas do Desenvolvimento Humano” foi muito bacana. Teve como foco o desenvolvimento do homem na sociedade, ou seja, como o homem conseguiu seu espaço dentro de um ambiente que já é considerado seu (o meio social). Aqui eu aprendi que a nossa vida é feita de fases, entre elas, a fase da

infância, da adolescência, a adulta e a idosa, portanto, em cada uma delas o nosso conhecimento e amadurecimento acontecem em um processo contínuo e integral.

Já a disciplina “Teorias da Educação,” a qual trazia em sua proposta curricular o desenvolvimento de um novo e diferente olhar sobre a educação brasileira (a que temos e a que almejamos). Buscava compreender as teorias usadas na formação do professor. Com essa disciplina pude fazer uma análise, comparando a educação passada e a atual. E vi que muitos resultados positivos já foram alcançados na área educacional. O grande desafio dessa teoria é apresentar ao professor o que o aluno é capaz de construir seu conhecimento. O que precisa aqui é; professor-ponte, o qual tem o papel de mediador, dando ao aluno suporte para que construa o seu saber e tenha-o como ação imprescindível para o desenvolvimento social.

Na disciplina “Investigação Filosófica”, fomos convidados a estudar e comparar diferentes filósofos e suas obras. Esse currículo levou-nos a questionar e, até comparar obras de autores grandiosos para a nossa melhor compreensão da criança e sua participação no mundo a partir de sua subjetividade.

No início achei muito difícil, pois a linguagem falada pelos autores, era para me de difícil compreensão para mim. Isto porque não havia desenvolvido a prática da leitura. Às vezes me sentia rude por não consegui compreender os textos e sempre fazia questão de colocar ao meu lado o velho, conhecido e bom dicionário.

Todos os conteúdos estudados nas disciplinas citadas acima tiveram papéis valiosos para a nossa formação, ou seja, a construção do nosso conhecimento, auxiliando-nos a posicionar diante do sujeito histórico-cultural e social. Com essa disciplinas iniciei em mim a autonomia da reflexão, auxiliando na minha transformação como ser crítico, agente criadora e transformadora do meio. Avaliamos, questionamos, concordamos e emitimos nosso parecer diante de algumas obras voltadas à educação. Participamos, também, nesse período do “Projeto I”. Foi maravilhoso. Nesse momento, começamos a nos preparar para entender, não apenas a teoria, mas assumir a prática em sala de aula.

No segundo semestre já me sentia mais segura quanto às disciplinas e o AVA. Desta maneira tudo já se tornara menos difícil. Nesse semestre cursei as seguintes

disciplinas: “Fundamentos da Educação Ambiental, Educando com Necessidades Educacionais Especiais, História da Educação, Organização da Educação Brasileira e o Projeto II”.

A disciplina “Fundamentos da Educação Ambiental” deu continuidade ao trabalho apresentado na disciplina do curso “Antropologia e Educação”. Continuou chamando a nossa atenção sobre os recursos naturais e a maneira como o homem os consome. Ensinou-nos que antes de existirmos os recursos naturais já estavam por aqui e mesmo que alguns deles sejam consumidos pelo ser humano, após milhares de anos, eles retornarão. O que não retornará será a vida humana se assim continuarmos a descuidar do planeta. Enfim, a vida humana será exterminada pelo próprio homem. Isso porque ele é o principal agente modificador do meio natural.

Como pedagogos e futuros pedagogos, é possível notar a tarefa árdua que está em nossas mãos de sistematizar o conhecimento para crianças jovens, adultos para a plena atuação em uma sociedade que exige do sujeito muito mais que saber ouvir, é preciso também saber se expressar. Com essa importante tarefa em mãos, é preciso auxiliar a formação do sujeito que concretize uma postura de acessibilidade ao mundo dos diversos conhecimentos e compreenda as ferramentas exigidas na contemporaneidade.

Já a disciplina Educando com Necessidades Educacionais Especiais foi uma das que mais me comoveu. Nela trabalhamos temas valiosos como as necessidades especiais de algumas crianças, tratamentos e a nossa visão sobre as deficiências. Ela trouxe aspectos da ação docente, especialmente, sobre o professor que atende em hospitais e em domicílio, caso a criança não possa frequentar a escola por um determinado período.

Entre tantas coisas boas, bonitas, comoventes o que me fez mesmo ter um grau de reflexão mais alto foram os filmes assistidos, entre eles: *Doutores da Alegria* e *Uma prova de Amor*. Lindos e comoventes. Fez-nos pensar em nosso currículo escolar, especialmente, como atender a todos, sem distinção, porém colocando em primeiro lugar as especificidades de cada aluno? Como podemos atender a todos de forma igual se a criança que possui alguma necessidade especial precisa de um espaço

que atenda às suas necessidades, principalmente, de um professor com formação adequada, por exemplo, que saiba usar LIBRAS ou Braile (para atender alunos com deficiência auditiva ou visual)?. O que precisa ser feito para que as instituições públicas educativas, como escolas e creches atendam a esses alunos que têm o direito de participar da escolarização em salas e banheiro sem barreiras?

O direito é igual para todos, mas como posso querer que um aluno surdo total aprenda utilizando apenas a linguagem oral? Há uma necessidade urgente de análise nessa área educacional, pois não dá para homogeneizar os alunos. Somos diferentes, muitas vezes possuímos necessidades diferentes, e quando uma instituição educacional camufla essa situação, ela deixa alguém a mercê de seus direitos. O direito e o respeito às diferenças precisam ser atendidos para que qualquer instituição, e de modo especial, a educacional. Afinal, de que direito nos referimos, no qual queremos que todos usufruam, se alguns ficam excluídos da igualdade de direitos?

Na disciplina “História da Educação”, cursamos por um bom tempo, direcionados à investigação; questionando o surgimento da educação: como ela se deu? Quem poderia fazer parte desse conhecimento? Como eram educados meninos e meninas no surgimento dessa civilização? Vimos que a cultura tem um peso enorme sobre a formação dos indivíduos e que ainda hoje, mesmo sofrendo alterações, as culturas existem e precisam ser respeitadas.

Já a disciplina “Organização da Educação Brasileira” teve a todo o momento seu enfoque nas leis relacionadas à educação proclamadas e que ficam muitas vezes apenas no papel. Vimos também outras que foram sancionadas, porém, o objetivo ainda é pequeno diante da necessidade de educação da população brasileira.

Ali, conhecemos um pouquinho sobre o Fundef e sua mudança para o Fundeb. Essa disciplina trouxe em sua proposta curricular a importância do magistério e nos apresentou que o mesmo precisa ser mais valorizado pelas entidades governamentais e a sociedade.

O investimento em profissionais melhores qualificados para atender aos alunos de todas as modalidades precisa ser feito e com urgência. Da minha época de ensino

fundamental para os dias atuais, já pude notar muitas mudanças. Várias universidades estão sendo abertas para melhor preparar o profissional da educação. No município onde moro, por exemplo, vemos e temos a honra de desfrutar da Universidade Aberta da Universidade de Brasília, uma das quais me proporcionou um desenvolvimento positivo e satisfatório na vida de professora e futuros professores, tanto do meio urbano, quanto rural.

O “Projeto II” deu continuidade ao “Projeto I” e buscou nos preparar mais especificamente para trabalhar com projetos em sala de aula, não apenas para seguir o livro didático, mas para nos mostrar que esse livro é apenas uma das ferramentas para auxiliar nosso trabalho pedagógico.

No terceiro semestre, cursamos os seguintes componentes curriculares: “Aprendizagem do Desenvolvimento do PNEE, Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, Sociologia da Educação, Socionomia e Educação e por fim, porém não menos importante que a Psicologia da Educação”. Todas as disciplinas foram de grande importância. Na primeira disciplina citada desse semestre aprendi a ter um olhar mais aguçado sobre a aprendizagem voltada ao desenvolvimento de alunos que possuem alguma necessidade especial. Entendi, através dessa disciplina, que a pessoa, que possui uma necessidade deve ter um tratamento na escola igual a uma pessoa normal. Isso fará com que ela se sinta menos excluída pelos seus familiares e também pela sociedade. Essa criança, ou aluno não pode ser mais mimado que seus irmãos ou, no caso da escola, seus colegas, pois isso o tornará impotente, ou seja, incapaz de realizar qualquer ação. É preciso transmitir a essa criança ou aluno que ele é capaz, basta tentar.

Essa área do conhecimento me fez entender que a criança que possui uma necessidade pode estar dentro de minha casa e os cuidados e atenção precisam ser desdobrados por nós para não causar nela a impressão de fragilidade.

Em Ensino e Aprendizagem da Língua Materna, além de aprendermos mais sobre a língua materna, aprendemos também a trabalhar e respeitar o linguajar de cada região. Cada região apresenta sua especificidade em linguagem. Não é fácil trabalhar a elaboração, a compreensão e o respeito à linguagem que o aluno usa.

Também é preciso ter o conhecimento e a consciência de que, mesmo que cada cultura apresente suas variações sociolinguísticas, a linguagem padrão precisa fazer parte do dia a dia de todos nós e de todos os alunos.

Em “Sociologia da Educação”, estudamos grandes sociólogos que discutem a educação. Essa disciplina revolucionou a minha vida. Com ela, aprendi a ver a sociedade com outros olhos. Aprendi que, viver no meio social é uma tarefa difícil, mas aprendi, também, que viver isolado é impossível. Portanto, temos a necessidade de nos desenvolver, além da vivência social, o respeito a todos, sem distinção, para melhor conviver em sociedade.

Em “Socionomia e Educação” desenvolvi a aprendizagem de poder ver e me colocar no lugar do outro. Como futura pedagoga, precisamos aprender a nos colocar no lugar da criança ou do adolescente, tentar imaginar o que causa certo desconforto a eles e saber que o convívio social é um aliado fortíssimo na formação da personalidade do ser humano.

Para nos auxiliar a compreensão desse campo do conhecimento, estudamos as teorias do Psicólogo Jacob Levy Moreno, entre elas, o “Psicodrama”.

A disciplina “Psicologia da Educação” teve como componente curricular apresentar os processos psicológicos presentes na educação. Aqui aprendi mais sobre o processo cognitivo do aluno e os fundamentos que melhor definem o método de ensino-aprendizagem, através de filósofos, como, Freud, Skinner, Karl Rogers, Vigotsky, entre outros.

No quarto semestre, cursei as disciplinas Pesquisa em Educação, Introdução à Classe Hospitalar, Educação de Adultos, Filosofia da Educação e Didática Fundamental.

Em “Pesquisa e Educação” compreendi que a pesquisa em educação é um método que não pode faltar na rotina de quem é ou de quem venha a ser um profissional de educação. Porém, para que a pesquisa aconteça, é necessário que exista a instigação por parte do profissional, pois é ela quem possibilita novos olhares, novas descobertas novos horizontes e por fim, novos conhecimentos e que mesmo

havendo vários tipos de pesquisa, como: pesquisa científica, pesquisa de mercado, pesquisa de opinião, elas trazem algo em comum; a descoberta.

A disciplina “Pesquisa em Educação” busca permitir a identificação da pesquisa como atividade científica emancipatória, associada ao ensino. Todo bom professor precisa ter em mente que para obter bons resultados em seu trabalho, faz-se necessário uma boa dose de pesquisa. É ela quem vai esclarecer suas dúvidas e levar ao ponto ápice esperado.

A disciplina “Introdução à Classe Hospitalar” mexeu bastante comigo, pois tratava de assuntos que eu jamais tive conhecimento se não fosse através dela. Ela me ensinou como trabalhar com alunos doentes, até mesmo aqueles que se encontram em estado terminal. Isso foi muito gratificante, porque até então eu não sabia lidar com essa situação.

A disciplina “Educação de Adultos” nos revelou temas de grande importância, os quais foram dando continuidade ao outro. De início falamos de quem “somos”. A partir dessa atividade aprendi que tudo se baseia na construção de valores, valores que temos e/ou que pretendemos conseguir.

Pude ver também quais eram as maiores dificuldades encontradas pelas pessoas mais velhas para ter acesso ao ambiente escolar e a relação que essas pessoas precisam fazer entre educação e trabalho.

Como pessoas inseridas na área educacional nossa tarefa é auxiliar essas pessoas a recuperarem ou aumentarem a autoestima e ver a importância da educação para vida delas.

A disciplina “Filosofia da Educação” nos apresentou a importância da educação na vida dos seres humanos e como se deu seu início. Foi de grandiosidade para o meu conhecimento ter refletido acerca de um tema tão antigo, (que é a educação) de grande importância e que tem passado por grandes transformações durante todo esse tempo.

Hoje, tenho o conhecimento que a prática pedagógica é uma construção que se elabora permanentemente numa perspectiva do desenvolvimento do indivíduo e do

respeito pelos outros, pelo ambiente, e segundo objetivos ideológicos, psicológicos e sociais.

O ato educativo não é tarefa fácil, nem espontâneo; é paradoxal, uma vez que busca a humanização e a socialização. Nesse sentido, a educação é algo que merece grandes pesquisas, pois sabemos que há algumas décadas a educação não era vista como vemos nos dias atuais.

“Em Didática Fundamental”, trabalhamos a questão do ensinar e do aprender. Com essa disciplina entendi que ensinar não é somente transferir conhecimentos, muito menos deixar que os alunos aprendam sozinhos, ou literalmente me dar ao luxo de aprender por eles. Ensinar é informar, é ajudar o educando em sua compreensão do mundo. Assim como um remédio, tudo precisa de dosagem certa nesta vida, na área educacional não é diferente.

Aprendi que o indivíduo é o responsável direto pela sua aprendizagem, mas precisa incontestavelmente do meio para a realização da mesma. Sendo capaz de construir, destruir e reconstruir. Neste processo precisa haver a vontade e a intencionalidade para que a aprendizagem possa acontecer.

Em suma, todas essas disciplinas contribuíram bastante para o meu desenvolvimento pessoal, profissional, cultural e social.

No quinto semestre do curso, tivemos as disciplinas Educação e Trabalho, Educação Matemática I, Fundamentos da Arte na Educação, História da Educação Brasileira e o Projeto III Fase 1. Na primeira disciplina, aprendemos a ver o homem e sua relação com o trabalho. Sabe-se que o homem precisa ser preparado para viver em sociedade e não há sociedade que não pregue o trabalho. Portanto é necessário que a escola também reconheça esse vínculo entre homem e trabalho. Essa disciplina discutiu a teoria que aborda a alienação do homem por meio do trabalho. Além de discutir a diferença entre trabalho humano e trabalho animal e que o homem, na antiguidade, tinha seus trabalhos e suas maneiras de educar seus filhos. Hoje, a ocupação profissional está mais relacionada aos níveis de escolaridade atingida pelos cidadãos e oportunidades que os jovens têm de conquistar em sua formação profissional.

No “Projeto 3- Fase 1”, senti muita dificuldade para realizá-lo. As dificuldades estavam mais relacionadas às questões de ordem pessoal, pois havia me separado recentemente e tive de ir embora para Minas Gerais. Chegando lá, fui para uma fazenda e tinha dificuldade de acessar à internet. Aí vieram as cobranças de todos os professores para realizar as atividades. Em relação ao Projeto 3, especialmente, tentava fazer o possível, mas vi que nunca estava do agrado da professora. A minha vida emocional ia de mal a pior, pensei; não vou resistir a tantas pressões. Conversava com minha tutora presencial. Ela entrava em contato com a professora, mas a resposta que recebia era; “o curso e o Projeto 3 não têm nada a ver com a vida pessoal dela”. É como se eu tivesse que trocar a cabeça para produzir um trabalho melhor para a avaliação do Projeto 3. Infelizmente acabei reprovando nesse componente curricular.

Nesse mesmo semestre, aprendi que com exemplos negativos a gente também aprende, aprende que nunca se deve fazer igual.

Em Educação Matemática 1, foi muito bom, aprendemos ensinar matemática de maneira diferente, baseando as metodologias no que dá prazer o aluno enquanto o mesmo aprende, ou seja, ensinar matemática é colocar em prática tudo o que o aluno vê em seu dia a dia, usando o lúdico.

Em Fundamentos da Arte na Educação, aprendemos a olhar com outros olhos cada arte realizada pelos alunos e que um traço, por mais simples que seja, quer nos mostrar alguma coisa. Precisamos estar atentos aos rabiscos dos alunos, pois eles podem nos mostrar grandes e valiosos sentimentos.

A arte na educação é sinônima de melhor entendimento da vida do aluno. Através dela, podemos identificar como anda o lado psíquico dos mesmos. Como é o tratamento transmitido pela família.

A disciplina “História da Educação Brasileira” nos remeteu a uma viagem ao passado. Com essa viagem, fomos capazes de analisar como se deu o processo de formação da sociedade e suas mudanças.

No sexto semestre já me encontrava bem mais preparada para assumir uma sala de aula. Foi também nesse semestre que eu descobri por que todo professor, para atuar na educação infantil, precisava ter Licenciatura em Pedagogia. Aqui, aprendi a ser professora, mãe e psicóloga.

Todas essas disciplinas proporcionaram novas perspectivas para atuar no campo educacional. Fez-me reaprender o que pensei que sabia e que até acreditava que era correto. Fez-me questionar o que considerava inquestionável. Fez-me ver que as ciências se complementam e também se divergem e me mostrou que as mesmas precisam das práticas para se difundir.

Assumir a responsabilidade de uma sala de aula, seja ela com crianças, adolescentes ou adultos, é saber se colocar no lugar do outro. É saber ser e ensinar a ser protagonista. É aprender enquanto ensina. É abrir espaço para a construção de um novo ser; ser crítico, ativo e criativo. É ser responsável pela tarefa assumida. É viajar em uma estrada projetada, pois mesmo se assim não der certo, é mais fácil reverter o caminho. O que não pode é viajar sem destino, ensinar sem expectativas, sem visar o futuro. O fruto da sabedoria plantado agora ainda é o melhor caminho para a transformação de cada indivíduo e, a partir dele a transformação sociedade.

Nesse semestre, as disciplinas cursadas foram: “Educação Matemática 2, Ensino de Ciências e Tecnologia, Administração das Organizações Educativas, Educação Infantil e o Projeto III Fase 2. Grande parte dos componentes curriculares foi um segmento dos semestres passados, como Educação Matemática, Administração das Organizações Educativas e o Projeto 3 fase 2”.

Em “Ensino de Ciências”, aprendemos que nessa sociedade contemporânea não dá para trabalhar em sala de aula sem o uso das tecnologias. Elas são partes fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Apesar de ainda sermos considerados “analfabetos digitais”, é impossível a realização de um bom trabalho, seja ele desenvolvido pelo professor ou pelo aluno, sem o uso dessa tecnologia, até então moderna, mas que já faz parte da grande maioria da vida dos seres humanos.

Com a disciplina “Administração das Organizações Educativas”, pude participar ativamente, por alguns minutos, juntamente com gestores de diferentes instituições,

e ver que em todas elas existem o esforço coletivo para almejar os pontos ápices no desenvolvimento. Elas têm vários pontos em comum, entre eles; a busca da eficiência das e nas organizações para que o processo de crescimento e desenvolvimento seja satisfatório aos indivíduos para o convívio social, cultural, político, profissional e individual.

A disciplina “Educação Infantil” contribuiu diretamente para o meu desenvolvimento profissional e também social. Aqui pude denotar que a infância é uma fase na vida humana de muita importância. Essa fase tem um peso estorrecedor na formação social do indivíduo. É base primordial para determinar quem seremos.

Para minha carreira futura como pedagoga, designo aqui que toda criança merece ser digna de carinho respeito, atenção compreensão e que precisa ter o seu espaço de brincar, dançar, correr, pular, praticar esportes, etc. Assim como está na “LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Art”. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Por mais uma vez aqui se fez presente mais um projeto, desta vez - Projeto 3 Fase 2. Com esse projeto aprendi a criar planos diários e fazer deles, indubitavelmente, uma ferramenta primordial para a boa realização do meu trabalho.

No sétimo semestre já me sentia uma vitoriosa, pois não esperava chegar até aqui. Cursei as disciplinas “Processo de Alfabetização, Ensino de História e Identidade Cultural, Políticas Públicas de Educação, Educação à Distância e o Projeto 4, Fase 1”. Foi nesse período que também fiquei grávida, faltava então, aprender a conciliar casa, trabalho, universidade e gravidez.

Em “Processo de Alfabetização” aprendemos que antes das paredes escolares existe um mundo lá fora, e que esse mesmo mundo submerge toda e qualquer metodologia. Sendo assim, é inevitável pensar em escola sem sociedade. É se equivocar, ao tentar excluir o conhecimento prévio do aluno. É ignorar o troco que a mesma passa quando vende doces ou geladinhos. É saber olhar crescimento de desenvolvimento da criança todos os instantes e em todos os lugares.

Todo esse conhecimento faz parte de um processo, hoje, denominado “letramento”. Entendi que a alfabetização precisa ir além do ler e escrever. É necessário um campo vasto de conhecimentos no mundo pedagógico que ultrapasse o modelo básico e padrão de ensinar. Foi também com inspiração nessa disciplina, que vi despertar em mim um novo olhar sobre a educação e por isso escolhi como tema do meu TCC, Letramento.

É impressionante como o “Ensino de História e Identidade Cultural” tem um emaranhado fortíssimo com a disciplina anterior. Essa disciplina teve sua ementa voltada justamente ao ensino de história recebido pela criança e como esse ensino, até então está sendo aplicado.

Trabalhar história em sala e nesse processo desconfigurar a identidade cultural e social da criança é o mesmo que matar suas raízes. É, portanto negar o patriotismo e sua miscigenação. É trabalhar um lado morto ou inexistente da história.

Descobri que a história não está somente no passado. Ela é como um começo; como se tivéssemos que começar a andar num caminho distante com o objetivo de chegar mais próximo da nossa importante realidade.

“Políticas Públicas de Educação”, como o próprio nome caracteriza o desdobramento, fizemos uma viagem, na qual o grande foco era entender a nossa realidade e refletir sobre o que poderia ser feito para mudar as injustiças sociais. Aqui, entendemos que as “Políticas Públicas” nasceram por meio de muitas lutas sociais: da insatisfação e inquietação dos seres humanos no que diz respeito aos seus direitos.

Em “Políticas Públicas de Educação” consegui entender um pouco mais sobre as políticas de Estado, suas modificações, como ampliação dos direitos sociais. A minha percepção sobre essa disciplina é que a mesma é de grande valia para minha carreira social e profissional. Bem diferente da época de um Estado governado pelo coronelismo. Hoje, as políticas públicas têm a finalidade de atender às necessidades da sociedade, pelo Estado que vise, além do interesse privado, cada vez mais as demandas sociais.

Pude melhor compreender a Constituição de 1988. Ela tem contribuído positiva e diretamente na área educacional. Fez com que a educação se alavancasse de maneira processual e contínua, porém, muito ainda tem para se fazer, ainda bem que todo esse processo vem sofrendo alterações com o passar dos anos, e isso é importante para mais um passo dado em direção à democratização da sociedade, contribuindo diretamente para a melhoria da gestão pública brasileira.

No Projeto 4, fase 1 continuei a elaborar projetos. Desta maneira, consegui entender a importância da elaboração dos mesmos e como é imprescindível o planejamento em qualquer área de atuação.

Se pararmos para analisar, a nossa vida é diariamente planejada. Ao levantarmos cedo da cama, já começamos a fazer planos para o dia e quando um desses planos não dá certo, na maioria das vezes ficamos frustrados e replanejamos.

Em sala de aula não é diferente. Precisamos planejar os conteúdos que serão apresentados. Não dá para brincar de faz de conta. Trabalhar sem planejar pode dar certo uma, no máximo, duas vezes, a partir daí tudo perderá o sentido e o nosso foco de alcance virá a calhar.

Em “Educação a Distância”, cheguei a parar e refletir toda minha trajetória durante o curso, pois muitos comentários eu ouvia durante esse trajeto. Aqui retratava todo o processo desenvolvido por uma grande equipe, e eu como parte integradora dessa modalidade de ensino eu precisava mim auto avaliar para saber sobre o meu desenvolvimento dentro do curso.

Ao fazer a minha auto-avaliação acabei por quebrar aqui aquele tabu de que com faculdade a distância não se aprende. Com essa modalidade de ensino tornou-se possível dar continuidade aos estudos e esse foi e será o meu grande desejo; sempre continuar buscando o conhecimento, seja ele presencial, ou a distância.

Engana-se quem pensa que uma universidade nesse nível é moleza. É preciso aqui muito estudo, muita dedicação. Houve noites que precisei passar em claro, pois com o dia sobrecarregado de outras ocupações, o tempo que me restou para estudo foi

justamente aquele que muitos desfrutavam de um bom sono, ou mesmo de uma boa balada.

No oitavo semestre, cursei as disciplinas “Avaliação nas Organizações Educativas, Educação em Geografia, Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, Psicologia Social na Educação e tive o Projeto 4, Fase 2”, além da reoferta do Projeto 3. Todos esses componentes curriculares contribuíram bastante na e para minha formação acadêmica. Identifiquei-me com todas as disciplinas desse semestre. Com a disciplina Avaliação nas Organizações Educativas consegui reforçar ainda mais o meu aprendizado com planejamento. Aqui aprendi o que são metodologias e como criá-las. Aprendi a trabalhar com os alunos interpretação de textos e também valorizar a cultura dos pequenos aprendizes; seu ambiente social, suas indagações, suas emoções, suas descobertas e suas curiosidades.

Em “Educação e Geografia” não foi tarefa fácil. Essa disciplina proporcionou-me o conhecimento que foi além de resumir informações, do desenvolvimento de um projeto e de uma interpretação de texto. Ela ajudou a me tornar sujeito crítico da história. Levou-me a rever o passado, preparar o presente e me preocupar também com o futuro. Fez-me ver que educação se faz com criatividade e precisa ultrapassar essa parede de aço que ainda prende o educando, como se fosse um animal feroz e selvagem.

Enfim, possibilitou-me um olhar de desenvolvimento, que valoriza a vida em suas diversas esferas, tais como; social, cultural, individual e profissional.

A disciplina “Fundamentos da Linguagem Musical na Educação”, me fez ver uma educação que valoriza todos os meios de conhecimento. Foi com ela que descobri que o conhecimento é mais fácil de ser adquirido, ou seja, entendido e compreendido quando se envolve a música.

O Projeto 3, (que tive como reoferta) apesar de ter sido um Projeto a mais no semestre, não tive nenhuma dificuldade em cursá-lo novamente. O mesmo só veio me ajudar a progredir na carreira acadêmica e social.

No referido semestre, já estava no 8º mês de gestação, apesar do cansaço e muitas dores nas costas, consegui concluir com êxito todo o trabalho solicitado, tanto nas disciplinas, quanto nos projetos.

Aqui eu consegui ver o educando como aquele que aprende aquele para quem existe a escola. Desta maneira, não é o aluno que se deve adaptar à escola. O que precisa acontecer é uma reformulação mútua entre todos os envolvidos no processo educacional que marche para a integração, isto é, para a assimilação entre aluno e escola, no processo de diferenciação e reconstrução do conhecimento.

Estou nesse momento cursando o nono semestre desse maravilhoso curso, já posso ver as mudanças em minha vida tanto pessoal, quanto política, profissional e familiar.

Aprendi muito, mas sei que ainda é pouco todo o meu conhecimento perto de um mundo de informações que nos cercam. E por isso, durante esse processo, vi que a educação precisa estar a frente de qualquer coisa, portanto, não posso parar jamais de buscar o conhecimento, seja ele sistematizado ou não.

Voltando ao tempo e avaliando o que passei, posso dizer que foi bom, porém, poderia ter sido melhor. Corrigi o que foi feito lá atrás, não dá, mas dá para fazer diferente hoje.

Nesse semestre cursei as disciplinas; Gênero e Educação, Educação das Relações Étnicas Raciais, Escolarização de surdos e LIBRAS e Orientação Vocacional Profissional e o Projeto 5, Fase 1”.

Ao cursar a disciplina “Gênero e Educação” pude perceber que sexo e sexualidade são conceitos diferenciados, porém, ainda difícil de serem entendidos e interpretados pela sociedade. Isso devido ao conhecimento restrito sobre tais conceitos.

Por falta de um conhecimento sólido nas nossas escolas e até mesmo na sociedade, sobre o fazer e o brincar da criança, ainda é visível um espaço aberto para o *bullying*, preconceito e discriminação racial, etc.

A disciplina “Gênero e Educação” proporcionou um olhar investigador de como “termos” tão diferentes (sexo e sexualidade) podem ser trabalhados como mais um conceito que merece respeito e valor por suas peculiaridades e contribuição para a formação social e individual.

Em “Educação das Relações Étnicas Raciais” não foi diferente. Ampliei o meu olhar sobre o nosso país em relação às étnicas raciais. Descobri que o mesmo é construído por uma vasta miscigenação de culturas. Isso nos daria o prazer e honra de sermos formados pela junção de cores diferentes, gestos diferentes, ações diferentes, ou seja, por vários e diversos costumes, porém, por causa do preconceito, discriminação e o estereótipo cometido pela nossa gente, muitas pessoas sofrem e, muitas vezes tenta se esconder da sociedade para não sofrer com o tratamento recebido por uma boa parte da população.

A disciplina “Escolarização de surdos e Libras” teve a sua dinâmica voltada para o atendimento de alunos com alguma necessidade auditiva ou que são mudas. E que as escolas precisam das três modalidades da língua: oral-auditiva, visual-espacial e gráfico-visual. Isso para que a mesma seja vista e considerada lugar de inclusão social, política, cultural e profissional não das pessoas consideradas, literamente, normal, mas também das que possuem alguma necessidade especial.

Aqui pude compreender qual é o verdadeiro significado da palavra língua. Descobri que ela ultrapassa de decodificação oral. A língua é um fato social, e por isso é necessário que todos os seres humanos, “sem distinção” tenha o direito de falar e de ser entendido. Neste caso, especifica-se a língua de sinais que foi criada e tem como ápice se centrar no ambiente escolar para atender aos surdos e aos mudos.

Sendo assim, torna-se consenso entender que todo ser humano tem direito de expressar seus sentimentos, porém, não vai adiantar muita coisa se a língua ensinada pelas escolas não atende a todos os alunos.

Todo ser humano deve ser preparado para exercer a cidadania e esse exercício é se tornar apto para atuar em diversas áreas do conhecimento, inclusive descobrir a aptidão para escolher a profissão correta. A disciplina Orientação Vocacional

Profissional fala justamente sobre essa formação individual, coletiva e principalmente, profissional do indivíduo.

O penúltimo projeto a ser trabalhado durante todos esses anos na graduação foi: “Projeto 4, Fase 2”. O mesmo teve seu objetivo voltado para a complementação de outros projetos, além da preparação para a conclusão no curso.

Nessa altura do campeonato já estagiamos em salas de aulas ou trabalhamos com gestão escolar, ou mesmo em outras instituições com o nosso projeto. Descobrimos se temos ou não afinidades com a área a qual escolhemos. Fizemos uma volta no tempo para lembrar o nosso passado e, a partir dele criar o nosso memorial, colocando nossas vivências e tendo, analisado nosso dia a dia e nos firmando em nossas perspectivas.

Toda a trajetória do curso foi presenciada e avaliada por pessoas que contribuíram diretamente para o meu desenvolvimento. Essas pessoas foram tutores presenciais e à distância e professores-supervisores, que mesmo a distância se fizeram tão presentes. Essa parcela de conhecimento eu devo a cada um deles.

PARTE II
O ESTUDO

2.1 INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo está delimitado da seguinte forma: alfabetização/letramento no processo de ensino-aprendizagem nos 2º e 3º anos do ensino fundamental, envolvendo duas turmas de 2º ano e duas do 3º ano de uma escola da rede pública local. Este tema derivou da seguinte pergunta de pesquisa: Como os professores de duas turmas 2º ano e duas turmas 3º anos de uma escola pública da zona rural do município de Carinhanha no Estado da Bahia compreendem o conceito de letramento e vivenciam suas práticas pedagógicas nas turmas investigadas? O objetivo geral deste trabalho é analisar o processo de ensino-aprendizagem, com foco no letramento desenvolvido por quatro professoras que atuam nos 2º e 3º anos do ensino fundamental de uma escola pública, da zona rural, no município de Carinhanha-Ba. Dando sequencia, defini os seguintes objetivos específicos: a) - identificar a concepção, os princípios teórico-pedagógicos que fundamentam o trabalho da escola no âmbito da alfabetização/letramento; b) identificar a concepção de alfabetização e letramento das quatro professoras participantes deste estudo; c) analisar as práticas pedagógicas relacionadas aos processos de alfabetização dos 4 professores que atuam nas turmas do 2º e do 3º ano do ensino fundamental da escola investigada; e d) analisar os materiais didáticos utilizados pelas professoras pesquisadas para trabalhar as competências e habilidades em Língua Portuguesa com os alunos.

Ao relembrar toda minha trajetória de vida e em especial, a escolar, logo vejo os saltos que a educação teve e vejo, nos dias atuais, como algumas escolas públicas estão se empenhando em busca de metodologias que atendam ao educando por inteiro. Mas baseado em que este novo modelo educacional vem se reformulando? De antemão, o fracasso escolar no ensino-aprendizagem ainda visível e como se sabe, não se pode mais considerar o aluno como o único responsável por tal fracasso.

Quando surge um fato novo e diferente na educação, também surge um nome novo para ser dado. Nos últimos tempos, o conceito de alfabetização, processo baseado apenas para codificar e decodificar símbolos, está ganhando um novo aliado (o letramento). Com isso pretende-se agregar novos e diferentes instrumentos de

ensino que contribuem para uma educação mais satisfatória. Mas como as escolas estão aderindo a essa novidade?

Quando se fala em letramento, muitas dúvidas e questões surgem a esse respeito. É visível a preocupação de alguns professores buscarem diferenciar ou assimilar, ou mesmo, diferenciar para assimilar o conceito de letramento dentro ou fora do processo de alfabetização. Essas dúvidas nos parecem decorrentes da falta de esclarecimentos teóricos sobre a temática. Aqui, buscarei apresentar, por meio desse trabalho, alguns recursos que precisam fazer parte da formação dos professores, exigidos pelos currículos escolares, que, aliás, ainda é tema de discussão.

Em nossa sociedade atual se faz presente um novo sujeito. Não falo sobre aquele formado ou que se forma pela escola, mas daquele com habilidades adquiridas no meio social e que precisa ser ampliada na escola. Sujeito que vive e convive com diferentes objetos. Sujeito que tem acesso as mercadorias compradas pela mãe. Sujeito que vai à padaria em algum momento dia. Sujeito que navega em um ambiente imerso de informações, que assiste ao futebol. Que sabe a hora dos seus programas favoritos, que convive com placas e rótulos.

Em algumas escolas ainda é visível como o ensino-aprendizagem acontece. É um processo voltado mais para o ensinar a ler e escrever. Processo quase sem instigação. De modo geral, é possível perceber que os alunos ainda sentem um grande desinteresse pela aprendizagem sistematizada. Pois, o que às vezes era pra ser transmitido de maneira prazerosa e proveitosa, acaba sendo um incômodo para o aluno, isso devido à maneira que o conteúdo é passado.

A didática, as metodologias, os recursos foram mudando com o decorrer dos tempos. As exigências do sujeito contemporâneo estão fazendo com que as instituições de ensino passam por uma transformação na forma de ensinar. Neste momento o objeto que está tentando entrar e ser visto, decifrado, avaliado e colocado em prática por algumas instituições educacionais é o conceito de letramento no processo ensino-aprendizagem.

Pensando nisso surge a seguinte questão que motivou o presente estudo: Como os professores de duas turmas do 2º e duas turmas do 3º anos de uma escola da zona rural do município de Carinhanha compreendem o conceito de letramento e o colocam em prática no cotidiano de suas ações pedagógicas, em duas turmas de processo de alfabetização? Este estudo teve como base a abordagem metodológica da pesquisa qualitativa, que pretende uma visão mais clara sobre o processo de investigação dos fenômenos educativos de um modo geral.

Para que esse estudo acontecesse de maneira satisfatória, fez-se necessário uma coleta de dados, junto a quatro professoras que atuam no 2º e 3º anos do ensino fundamental. Como técnica para essa coleta de dados, foi utilizada a observação e as entrevistas com perguntas semiestruturadas.

O estudo em foco busca refletir sobre as quatro turmas investigadas em processo de alfabetização, considerando que os alunos têm o prazo de três anos para aprender a ler e escrever. Acreditando que uma vez que essa aprendizagem deve ultrapassar a mera codificação e decodificação da língua escrita. Deve, sobretudo, valorizar e ampliar todas as aprendizagens que circundam a vida do aluno e suas relações sociais e culturais, possibilitando assim, a formação de um sujeito alfabetizado/letrado.

Isso nos fez refletir sobre que estratégias pedagógicas e quais são os conceitos e práticas que fundamentam os processos de ensino e aprendizagem em relação a alfabetização presentes na escola investigada e no contexto das duas turmas de 2º e duas de 3º anos do Ensino Fundamental, selecionadas para este estudo.

Dentre as principais questões em torno do tema Letramento e Alfabetização, coube indagar: Qual o tipo de formação inicial e continuada que está sendo oferecida ao professor para que ele realmente dê conta de colocar em prática no cotidiano escolar, um processo educativo que leve em consideração o aluno que se faz e se refaz com o meio em que vive, estimulando o gosto pela aprendizagem, cujo objetivo possa levar o aluno a ler, escrever, interpretar, codificar, decodificar, interagir, criar, ampliar, brincar, questionar e, acima de tudo, compreender os códigos presentes no seu dia a dia.

O letramento é um termo relativamente novo. Sua invenção no Brasil aconteceu em meados dos anos 1980, continua sendo alvo de muitos estudos e pesquisas por parte de educadores e pesquisadores da área de educação. De uma maneira bastante breve, a ideia do letramento pode ser entendida. Mas, relativamente é interpretado como “práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas”.

Compreendo o ato de ler e escrever como atividades complexas que se adquirem através de uma prática criativa, que não se restringe a quatro paredes, que não tenha como ferramenta apenas o livro didático. Ler e escrever exige do professor uma atuação que envolve competências e habilidades que vão além da avaliação feita para medir o grau de desenvolvimento da leitura e escrita da criança.

A relevância do presente estudo encontra-se, principalmente, em levar os docentes envolvidos com processos de alfabetização, refletir sobre suas práticas pedagógicas e repensar seus percursos metodológicos na alfabetização de crianças. Indo um pouco mais além, espero que este trabalho possa ser discutido, pelo menos, com meus pares da escola onde realizei a pesquisa, para, entre outras consequências, principiarmos novos caminhos na alfabetização, considerando o conceito de alfabetização e de letramento, para que o trabalho educativo esteja melhor apropriado e corresponda melhor às exigências da sociedade contemporânea.

Este trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três partes. Na primeira parte apresento meu memorial educativo. A segunda parte trata da monografia propriamente dita, e esta se divide em três capítulos. O primeiro capitula traz o referencial teórico que fundamenta a discussão e análise dos dados recolhidos na pesquisa empírica. No segundo capítulo traço o percurso metodológico. O terceiro e último capítulo apresenta, discute e analisa os dados recolhidos em campo, á luz da discussão teórica recortada para este estudo.

CAPITULO I REFERENCIAL TEÓRICO

Esse estudo surgiu da minha inquietação acerca da temática do letramento/alfabetização. Nesse sentido o presente capítulo apresenta três tópicos nos quais buscamos apresentar as principais concepções em torno do tema alfabetização/letramento e suas articulações nos processos de ensino e aprendizagem.

No primeiro tópico, discutimos as práticas de leitura e escrita no processo ensino aprendizagem, buscando destacar como essas práticas são vistas e interpretadas pelas professoras no processo de aquisição da linguagem. Além disso, buscamos mostrar como esses conceitos caminham juntos e separados nas práticas pedagógicas.

O segundo tópico fala sobre o conceito de alfabetização e como esse conceito ainda é visto, compreendido e discutido por alguns estudiosos do assunto.

O terceiro tópico trás informações sobre letramento; conceito e definição, importância ou descaso no processo de aquisição da linguagem. Nesse tópico é possível ainda encontrar como os dois conceitos; alfabetização e letramento caminham.

Aqui se fazem presentes contribuições teóricas de estudiosos como: Soares, (1998-2003), Castorina, (1998) Cagliari, (1998), Kleiman, (1995), Oliveira, (1998) entre outros.

1.1 Práticas sociais de leitura e escrita: peça chave para a aprendizagem

O incentivo para a leitura e escrita deve existir dentro do contexto escolar, porém, para que isso aconteça, é preciso fazer com que esse incentivo gere do fruto da instigação com os alunos. Só assim é possível garantir o aprendizado deles, de maneira produtiva e significativa.

Atualmente, os processos educativos estão exigindo do professor uma maior incorporação de todos os objetos que o cerca, como diferentes gêneros literários, embalagens, rótulos, placas, CDs, DVDs, para maior incremento do processo

ensino-aprendizagem. Isso, porém, nos leva a refletir de que pensar apenas em livros para educar é insuficiente. Sabemos que os livros são ferramentas primordiais no ensino aprendizagem, mas, o mundo ao qual o aluno está inserido hoje é constituído por uma vasta gama de objetos, portanto, além do cantinho da leitura, é preciso fazer o educando interpretar essas leituras, fazendo uso dos materiais que estão ao seu redor, como estímulo para que ele se torne protagonista de seu desenvolvimento.

Usar um cenário repleto de objetos para a construção do conhecimento, além de ser prazeroso, é também sinônimo de aprendizagem, pois é verídico que um lado se faça presente os objetos e do outro as palavras, portanto, é necessária a correlação (palavras e objetos) para dar início às práticas sociais.

As práticas sociais precisam estar inteiramente ligadas nesse processo crucial, no qual o grande foco é a aprendizagem, portanto, não é somente tarefa da escola desenvolver essas habilidades na vida do sujeito. Soares, (2004, p. 106) afirma que:

[...] na vida cotidiana, eventos e práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional, respondem a necessidades ou interesses pessoais ou grupais, são vividos e interpretados de forma natural, até mesmo espontânea; na escola, eventos e práticas de letramento são planejados e instituídos, selecionados por critérios pedagógicos, com objetivos predeterminados, visando à aprendizagem e quase sempre conduzindo a atividades de avaliação.

Sendo assim, mesmo existindo dois tipos de letramento, um que precisa ser executado pela escola e o outro espontaneamente apresentado no dia a dia do educando, é preciso haver um trabalho em equipe; escola e família, para que o aluno consiga compreender todas as práticas exercidas em sua vida, sejam elas cotidianas ou escolares.

1.2 O que é alfabetização?

Segundo o dicionário escolar da língua portuguesa, Aurélio, (2005, p. 67) define a **alfabetização** como: “ação, modo ou processo de alfabetizar, ou o resultado daí proveniente” e que “alfabetizar consiste no ensinar a ler e a escrever”.

É evidente que a alfabetização singulariza o processo de aprendizagem, pois, o dicionário Aurélio (2005) deixa claro que alfabetização sozinha, por sua definição,

não se responsabiliza em preparar o aluno para lidar com as diversas situações presentes em seu dia a dia.

Há algumas décadas, o conceito de alfabetização estava mais voltado, em seu sentido amplo, para a aprendizagem do alfabeto, que em seguida se juntava para formar as sílabas e logo depois as palavras, que consecutivamente daria ao sujeito a habilidade de ler e escrever frases e até um pequeno bilhete, porém, sem tanta compreensão.

Segundo Cagliari (1998, p. 12):

Quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente. A alfabetização é, pois, tão antiga quanto os sistemas de escrita. De certo modo, é a atividade escolar mais antiga da humanidade.

A escrita é antiga, e na época de sua invenção era usada pelo homem para decodificar os traços escritos na pedra em forma de sinais (símbolos), os quais auxiliavam o mesmo em suas trocas e vendas.

Ainda segundo Cagliari (1998, p. 14),

(...) naquela época de escrita primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto.

A época a qual o autor se refere, era considerado alfabetizado quem conseguia ler, escrever e decodificar aqueles símbolos, ou seja, reproduzir o que estava escrito. Hoje, é possível compreender que alfabetização não é só isso. Existem várias e grandes pesquisas que tentam interpretar, compreender e explicar melhor o conceito de alfabetização.

Para Soares, (2003, p. 07),

A prática do conceito de alfabetizado, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de alfabetizado como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita.

No trecho acima a autora deixa claro que o conceito de alfabetização, por muitos anos se baseava em um processo de leitura e escrita mais restrita.

O ato de educar, por vários anos, foi considerado como um processo pelo qual o aluno passava e que ao final desse processo conseguia obter a aquisição da decodificação das letras e, simultaneamente das palavras, mecanismos meramente escrito pelo professor e repetido pelo aluno.

Esta ideia foi colocada em crise a partir das diversas pesquisas e investigações que vêm ocorrendo na área da linguagem científica, através da pesquisa empírica e também através do entendimento de como construímos o conhecimento.

1.3 O que é letramento?

Ultimamente, a alfabetização não é vista como algo desvinculada das práticas sociais de leitura e escrita colocadas pelo mundo moderno. Ela envolve um processo de construção de conhecimentos e tem por finalidade desenvolver pesquisas e estratégias que dão suporte ao aluno em sua vivência com o meio, exercendo sua função de cidadão crítico, ativo e construtor do conhecimento, podendo assim, usufruir da competência de transformar a sociedade.

O letramento surgiu, segundo Soares, (2003, p. 06) da “necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”. O termo letramento não é tão antigo no Brasil. Ele começa a aparecer quando se descobriu a necessidade de ingressar no processo de alfabetização algo mais atraente, mais instigante e, ao mesmo tempo em que possa servir de uma aprendizagem mais significativa, que não abranja apenas o espaço escolar, mas toda sociedade vista e vivenciada pelo educando.

Nesse sentido, muitas escolas começam a infiltrar em suas metodologias e práticas sociais que envolva o educando em suas diversas e variadas formas de aprender. Sendo assim, o que se pretende, além de diminuir o fracasso em alfabetização, é que o aluno desenvolva uma competência atuante, que vai além da leitura e da escrita.

O letramento tem pouco tempo de pesquisa, portanto, novo no campo das ciências linguísticas. Segundo Soares (2009, p. 33), o conceito de letramento pode ter sido

usado pela primeira vez no Brasil no ano de 1986. Teve como autora principal para revelação; Kato, em seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. Esse termo apareceu como parte de título de livro, no ano de 1995 nos livros “Os significados do letramento”, organizado por Ângela Kleiman e “Alfabetização e Letramento”, de Leda V. Tfouni.

A alfabetização, concebida em seu sentido original, por ser interpretada apenas como leitura-escrita, está sendo algo de investigação e, portanto, ganhando um novo aliado nesse processo, o letramento. Nas palavras de Soares (2003, p. 08), no Brasil,

(...) a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento... o que tem conduzido a um certo apagamento da alfabetização que, talvez com algum exagero, denomino *desinvenção da alfabetização*.

O que Soares (2003), argumenta é que apesar do conceito de letramento ainda ser um termo relativamente novo na área educacional, ele não aparece sozinho. Tem suas raízes dentro do conceito de alfabetização, que é um termo bem antigo.

O letramento teve um salto muito grande nas últimas duas décadas dentro do processo de alfabetização, porém, infelizmente, o letramento na alfabetização ainda é mal incorporado e interpretado. Levando, dessa maneira, ao esquecimento de um, (neste caso, a alfabetização) e a prevalência do outro (neste caso, o letramento).

A relação direta do professor com o giz, quadro negro ou verde e papel está sendo alterada. Nesse novo modelo de educação, exigida por essa nova sociedade, o professor precisa ter sempre formação continuada e em mãos os objetos que, além de fazer parte do cotidiano do educando, leve-o a se sentir criador, protagonista e consiga deter um alto grau de compreensão do que foi criado e desenvolvido, tanto dentro do contexto escolar, quanto fora dele, ou seja, dentro do sistema que represente toda a sua realidade. Nas palavras de Oliveira (1998, p.64),

Alfabetização é o domínio progressivo desse sistema que começa muito antes de a criança se escolarizar. Por ser membro de uma sociedade letrada, a criança adquire noções sobre a língua escrita antes de ingressar na escola, essas noções depois são

sistematizadas nas situações mais formais da aprendizagem.

Destacamos que para Oliveira, a escrita se manifesta e tem sua inserção na vida do sujeito, como artifício para representação da realidade, desde sua infância. É um objeto cultural e social, portanto, para ser considerado letrado, o aluno precisa dominar todos os signos na codificação, decodificação, análise e compreensão em suas mais diversas práticas sociais.

A leitura e escrita precisa ser dominada de forma completa pelo educando, ou seja, não basta ler e escrever um simples bilhete para ser considerado alfabetizado/letrado, mas ter conhecimento que supra as necessidades expostas pela sociedade atual.

Em algumas escolas a alfabetização ainda é entendida como processo da aprendizagem do alfabeto, período determinado para aprender a reconhecer os símbolos gráficos da linguagem verbal, mas sabemos que é indubitável a responsabilidade da escola em introduzir na vida do aluno uma linguagem que abrange todo o seu meio, pois, afirma Kato, (1986, p. 07)

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda que a chamada norma padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

A autora, neste parágrafo deixa claro que a escola precisa estar integralmente vinculada à aprendizagem do aluno e precisa ter um olhar holístico na formação do mesmo para a atuação como sujeito ativamente letrado. Isto é, sujeito que usufrua de sua linguagem escrita, como instrumento de comunicação, atendendo assim, suas necessidades individual e social, no mundo atual.

Dentro de um processo, no qual não se faz presente o conceito de letramento o educando terá sua vida restrita das dinâmicas oferecidas e impulsionadas pela sociedade. Para Soares, (2009, p. 65) essas,

[...] dificuldades e impossibilidades devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição.

Para Soares, (2009) a alfabetização considerada padrão, a qual trabalha na formação do sujeito para apenas ler e escrever, ainda não atende o educando por inteiro, falta algo mais, ou seja, existe aí um conceito escondido que acaba por camuflar um lado bem amplo do conhecimento. Esse conhecimento, ainda restrito e é o que o sujeito precisa para adquirir e exercer suas práticas de conhecimentos sistematizados, ou seja, ainda falta o conceito de letramento.

Soares (2009, p. 58) também afirma que, “em realidades de países como o nosso, o contato com livros, revistas e jornais não é, ainda, algo natural e acessível, portanto, essa realidade não contribui para a formação de sujeitos letrados”. Aqui a escola assume uma grande responsabilidade para assegurar a aprendizagem de todos os alunos, numa perspectiva de letramento defendida por “Soares, Kleiman e Tfouni”. O letramento é desenvolvido no processo das interações culturais, sociais dos alunos e, acima de tudo, da vivência deles em um espaço dinâmico e interessante.

São vários os fatores que contribuem para a dificuldade de formar sujeitos letrados, dois fatores principais são: a falta de formação continuada e de compromisso pelo educador. Com isso o professor não consegue entender como funciona o aprendizado da criança, não se importando tanto com o desenvolvimento da mesma.

O letramento ainda é tema de debate, mas já se pode chegar a um consenso de que o mesmo vem para somar práticas pedagógicas e com isso fazer com que os educandos tornam-se letrados.

Entre o processo de alfabetização e o conceito de letramento imposto com mais frequência, é possível notar que os dois caminhando juntos conseguem fazer com que o aluno consiga adquirir um grau maior de desenvolvimento, pois, a inserção de jornais, revistas, bulas, livros, na vida do educando faz com que o mesmo tenha um grau maior de assimilação, interpretação e compreensão da realidade, pois, a aprendizagem, salienta Castorina, (1998, p. 30) consiste na interação progressiva dos instrumentos mediadores.

O letramento busca ampliar o olhar sobre conceito voltado à aprendizagem, sempre dando espaço a uma avaliação que valorize o conhecimento prévio do sujeito, tornando esse conhecimento sistematizado. Desta maneira, é importante que o professor domine e desenvolva competências e habilidades próprias de práticas sociais de leitura e escrita, ultrapassando apenas a aprendizagem do sistema de escrita, a alfabetização.

É visível o papel da escola em buscar metodologias que embasem o trabalho com a linguagem. Os PCN (1997, p.30), dizem que, “cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los”. Isso inclui os textos de diferentes gêneros literários, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar, porém, para a prática de letramento ainda é pouco diante do sujeito contemporâneo, pois o manejo com tais materiais ainda é sinônimo de incompreensão no trabalho que deveria ser planejado com a finalidade de alfabetizar/letrar por alguns educadores.

É sabido que hoje a educação não pode mais trabalhar em função apenas do futuro do sujeito, pois, o mesmo deve ser considerado um ser social desde o seu nascimento e, portanto, merece ser preparado para o seu mundo desde o aqui e agora. Segundo Oliveira, (1992, p. 60 *apud* Vigotsky, 1984),

(...) é especialmente relevante para a educação: a ideia de transformação, tão essencial ao próprio conceito de educação, ganhar particular destaque em uma concepção que enfatiza o interesse em compreender, no curso do desenvolvimento, a emergência daquilo que é novo na trajetória do indivíduo, os “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de seus frutos.

Oliveira (1992) destaca que o desenvolvimento do aluno precisa ser trabalhado desde seus primeiros conhecimentos e deve ser levado em consideração todos eles, pois, o mais importante na educação atual é a formação do ser para atuar no presente, com os organismos presentes e não apenas no futuro.

O aluno, por ser membro principal e real de uma sociedade letrada, adquire noções básicas sobre a língua escrita, mesmo antes de sua inserção na escola, porém, faz-se necessário, segundo Oliveira, (1992, p. 65 *apud* Vigotsky, 1984,)

(...) a intervenção pedagógica intencional para que ocorra o processo de alfabetização, de domínio do sistema de leitura e escrita. Mesmo imersa em uma sociedade letrada, a criança não desabrocha espontaneamente como uma pessoa alfabetizada: a aprendizagem de um objeto cultural tão complexo como a escrita depende de processos deliberados de ensino.

Nesta fala é possível perceber que, mesmo que o aluno faça parte do mundo letrado, ele precisa de um ensino sistemático para aprimorar esse conhecimento, pois, apenas a criança ter contato direto com livros, morar perto de uma delegacia, frequentar a farmácia do papai, se não estiver a intervenção, para que amplie esse conhecimento, esse aluno não pode aprender a ler e escrever sozinho.

A passagem do aluno pelo processo de alfabetização não pode deixar de existir, pois, não se pode considerar letrado o aluno que não possui o domínio da língua escrita. Por mais que ele conviva em um ambiente dinâmico e letrado, se não tiver a intervenção de alguém ele pode não alcançar o processo de letramento. Segundo Vigotsky (1984), *apud* Oliveira (1992, p. 60)

O ser um humano que passe toda a sua vida no interior de um grupo cultural ágrafo, por exemplo, jamais será alfabetizado. Mesmo possuindo todo o aparato físico da espécie que possibilita a seus membros o aprendizado da leitura e da escrita, esse indivíduo nunca aprenderá a ler e a escrever se não participar de situações e práticas sociais que propiciem esse aprendizado.

Aqui, Oliveira (1992) salienta que, cabe à escola a responsabilidade de alfabetizar o sujeito para atuar no mundo e em suas práticas sociais e complexidades que envolvem a leitura e a escrita. Nesse sentido, compete à mesma desdobrar-se para pensar em estratégias que atendam ao aluno, dando-o a formação na qual ele possa interagir ativamente desse sistema. Para Oliveira, (1992, p.62),

(...) conquistas culturais específicas delineiam caminhos de desenvolvimento particulares. É nesse sentido que a escola, como criação cultural das sociedades letradas, tem um papel singular na construção do desenvolvimento pleno dos membros dessas sociedades. Essa instituição tem a função explícita de tornar 'letrados' os indivíduos, fornecendo-lhes instrumental para interagir ativamente com o sistema de leitura escrita, com o conhecimento acumulado pelas diversas disciplinas científicas e com o modo de construir conhecimento que é próprio da ciência.

Na citação acima, Oliveira (1998), discute a função da escola, criação cultural do ensino-aprendizagem sistematizado, no desdobramento de caminhos que oferecem ao aluno instrumentos que lhe torne capaz de ler, escrever e compreender, ou seja, desempenhar um papel relevante sobre as práticas sociais culturais e cotidianas.

Não dá para falar em alfabetização isolada do termo letramento, porém, na prática pedagógica essa última ainda fica intocável. (Soares 2003, p. 07) diz que, “no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, e, frequentemente se confundem”. Por isso, alguns professores deixam passar despercebido o ato de alfabetizar com e para as práticas sócias.

Nos dias de hoje, toda e qualquer criança já nasce imersa em uma sociedade, na qual, a língua escrita está presente ao redor da maioria delas, (livros, embalagens, placas, cartazes, televisão, rótulos). Portanto, o cenário escolar precisa desempenhar estratégias e modalidades que permitam ao aluno desenvolver concepções sobre esse elemento cultural. Oliveira, (1998 pag. 64), diz que:

A similaridade mais evidente que pode ser apontada refere-se à ideia de que a escrita não é um código de transcrição da língua oral, mas um sistema de representação da realidade e de que o processo de alfabetização é o domínio progressivo desse sistema, que começa muito antes de a criança se escolarizar.

Segundo a autora, a leitura e a escrita precisam ser entendidas e trabalhadas em suas diversas linguagens, pois, ler e escrever não são apenas reproduzir os símbolos, mas sim, entender, interpretar, assimilar, diferenciar e compreender o código linguístico.

No capítulo “Letramento e Alfabetização: pensando a prática pedagógica”, disposto nas orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade no ensino fundamental de nove anos, fica evidente a preocupação de toda uma equipe educacional, professores, coordenadores, orientadores, supervisores, equipes de apoio e diretores, na elaboração de currículos que atenda os alunos por inteiro, ou seja, desde a formação dos mesmos como leitores; que vão de bibliotecas e salas de leituras nas escolas, até a ampliação desse conhecimento, que vai além da sala de aula.

Nesse sentido, esse capítulo escrito por Telma, Eliana e Artur (2007, p. 10) deixam claro que,

É urgente garantir que os estudantes tenham direito de aprender a ler e a escrever de maneira contextualizada, assim como é essencial buscar assegurar a formação de estudantes que leem, escrevem, interpretam, compreendem e fazem uso social desses saberes e, por isso, têm maiores condições de atuar como cidadãos nos tempos e espaços além da escola.

Portanto, nesta citação, fica claro que alfabetizar nos dias atuais, é compreender o objeto que ensina para também dar ao sujeito a compreensão do mesmo. Não basta saber as ciências linguísticas, não basta saber a linguagem expressa na sociedade. É preciso compreender os dois saberes e interligarem os mesmos no processo ensino e aprendizagem. O professor atual, precisa realmente se atentar e se atualizar para só assim contemplar o educando em seu mundo, mundo esse que exige o conhecimento científico e social.

Em suma, baseado em pressupostos empíricos e teóricos podemos considerar que para a aprendizagem acontecer, é preciso levar em consideração todos os estados do aluno, ou seja, o conhecimento que o mesmo tem, juntamente com o conhecimento que se pretende adquirir e quais os métodos usados para que essa aprendizagem surta efeito positivo na vida do mesmo.

Sendo assim, as bibliotecas escolares e laboratórios de informática, são recursos essenciais para o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem. Todos esses objetos servem para criar um ambiente lúdico, dinâmico e repleto de códigos linguísticos diferentes, como; cantos de leitura, hora da conversa, da dramatização, canto do brinquedo, leitura de livros de história em casa, conexão oral-escrita, embalagens que circulam ativamente a vida da criança, fazendo com que o educando possa expor suas ideias, seus conhecimentos.

Para tanto, na alfabetização, em sua definição, não é visível práticas sociais que ofereçam uma aprendizagem maior, porém, com o surgimento do conceito de letramento é possível pensar e trabalhar na formação de sujeitos que trazem conhecimentos valiosos de seu mundo letrado. Mas além do contato desse sujeito com livros e outros objetos que lhe proporciona o conhecimento, cabe à família ingressá-lo na escola para que esse conhecimento se torne formal.

CAPITULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente estudo foi desenvolvido para analisar a prática de letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, especialmente, nos 2º e 3º anos de uma escola pública do município de Carinhanha – BA, a partir de uma pesquisa empírica.

Neste capítulo o leitor irá encontrar todo o contexto da pesquisa, seguido das participantes da pesquisa, ou seja, as professoras entrevistadas, dos Instrumentos da coleta de dados, no caso, a observação participante, entrevista semiestruturada, o questionário, além dos procedimentos de coleta de dados e os procedimentos de análise de dados.

A pesquisa qualitativa no presente trabalho, teve como instrumentos de coleta de dados, a observação e a entrevistas a observação e a entrevista com perguntas semiestruturadas abertas, com o intuito de recolher dados junto aos participantes, no sentido de investigar o conceito de letramento nas praticas pedagógicas de quatro professores da escola selecionada.

Essa pesquisa tem como objetivo, além de uma coleta de dados, deixar o entrevistado mais á vontade para revelar suas opiniões, suas ideias. O questionário, junto à observação, são ferramentas de pesquisa fundamentais. Esses procedimentos possibilitam o pesquisador a, além da coleta de dados, se autoavaliar, com o intuito de questionar, analisar, fazer e, acima de tudo, compreender como se realiza um trabalho profissional: qualitativo sobre seus alunos.

O questionário e a observação são ferramentas de pesquisa fundamentais. Esses procedimentos possibilitam o pesquisador a, além da coleta de dados, se autoavaliar, com o intuito de questionar, analisar, fazer e, acima de tudo, compreender como se realiza um trabalho profissional: qualitativo sobre seus alunos.

É denominado como pesquisa um conjunto de atividades, nas quais têm a intenção de alcançar novas descobertas, novos conhecimentos, tendo como base uma amostra que desenvolve o olhar investigador ao fato observado.

Segundo Ludke e André, (1986, p. 03), a pesquisa como atividade humana e social, traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador.

As autoras deixam claro que a pesquisa precisa ter em seu âmago, uma base empírica e científica para se tornar realidade. Há um caminho a ser percorrido. Nesse caminho há pontos fortes a serem seguidos; trilhados ou sombrios. Mas, na verdade o grande interesse da pesquisa é coletar informações que irão reforçar um fato já existente para comparar ou contradizer com as novas informações. A pesquisa não conclui um caso, mas levanta estruturas, deixando caminhos abertos para novos pesquisadores.

2.1 Contexto da pesquisa

Por se tratar de um tema que tive como objetivo geral, analisar o conceito de letramento dentro do processo de alfabetização, vi a necessidade da escolha de uma pesquisa que provocasse em mim um desejo ainda maior de tornar mais claro as informações que desejamos obter. Desta maneira, optei pela pesquisa qualitativa.

Para realização da pesquisa, o pesquisador precisa ter alguma afinidade com o tema que será pesquisado. Não é tarefa fácil desenvolver uma pesquisa, pois, a mesma precisa ser fundamentada com todos os dados coletados, fazendo comparações com os conhecimentos apresentados no referencial teórico e ter papel de investigador. No caso de uma observação e uma entrevista semiestruturada com o tema alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, é preciso certo cuidado para analisar os dados, pois são turmas diferentes com professoras que pensam e trabalham diferentes e que tem anos de trabalho e formação também diferentes.

Ao percorrer o caminho de uma pesquisa, o pesquisador logo conclui que é uma tarefa complexa, mas que essa tarefa precisa ser cumprida para se alcançar tais objetivos específicos. Para o início desse trabalho, de antemão foi preciso à realização da pesquisa bibliográfica, ou seja, há uma necessidade de uma fundamentação teórica para que depois todos os dados coletados passem por certa averiguação e em seguida a comparação teórica com os resultados empíricos. Só

assim é possível a obtenção de conhecimentos pertinentes. Conforme afirma Ludke e André (1986, p. 28)

A pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, textos legais, documentos mimeografados ou xerocopiados, mapas, fotos, manuscritos etc. Pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema.

Após todas as informações coletadas é necessário fazer a análise dos dados, e em seguida torná-los disponíveis, pois, é através dessas informações, segundo Stake, (1978), *apud* Ludke e André, (1986, p. 23) “que o leitor percebe a semelhança de muitos aspectos desse caso particular com outros casos ou situações por ele vivenciadas, estabelecendo assim uma generalização naturalística”.

Stake, em sua fala torna clara a importância da minuciosa análise sobre os resultados de uma pesquisa, pois, segundo ele, é preciso haver uma comparação de dados entre o pesquisador e outros leitores/pesquisadores.

Não se pode falar em uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual renega a presença do pesquisador com o objeto que será estudado. Sendo assim, o pesquisador precisa desenvolver uma relação dinâmica entre seu mundo e a situação que será vivenciada para realização da pesquisa.

Esse vínculo entre pesquisador e objeto pesquisado é importante para a realização da pesquisa, uma vez que a subjetividade do pesquisador e pesquisado está presente durante toda a investigação.

A pesquisa qualitativa tem a finalidade de demonstrar que sujeito e objeto são atributos essenciais. Através dessa aproximação o pesquisador tem em mãos a introdução de sua pesquisa, e, dessa forma pode aprofundar em suas buscas, fazendo um levantamento de dados de forma real com o objeto de estudo.

São considerado instrumentos chaves da pesquisa: o pesquisador e o ambiente a ser pesquisado.

Usando a abordagem qualitativa de natureza descritiva, realizamos este trabalho, cujo tema foi o: “Letramento nos 2º e 3º anos do ensino fundamental de uma escola pública no município de Carinhanha-Ba”. Todos os dados aqui apresentados foram coletados através de observações sistemáticas, das aulas e entrevistas semiestruturadas com os professores.

O questionário foi realizado com quatro professoras, entre elas; duas do 2º ano e duas do 3º ano. Através do questionário é possível coletar informações, pois, esse método tem em uma de suas características divulgar o pensamento das pessoas: seus anseios e opiniões em relação ao tema abordado na pesquisa. Pois, segundo Marconi e Lakatos (1996, p.70),

[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional... uma conversação efetuada face a face de maneira metódica; proporciona ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.

Assim como a entrevista, a observação também é parte crucial para a obtenção da coleta de dados, ao entrevistar alguém fazemos uso também da observação e é com o auxílio dela que podemos materializar uma pesquisa com êxito. As palavras de Ludke e André (1986, p.26) afirmam que:

Tanto quanto a entrevista, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens.

Sendo assim, é evidente que, tanto a entrevista quanto a observação são peças fundamentais no desenrolar de uma pesquisa. Tais elementos, trabalhados de maneira séria e coerente, ajudam na interpretação, compreensão e explicação do elemento estudado.

Para o desdobramento de uma pesquisa científica, precisa haver no pesquisador certa necessidade de reflexão, cuidadosa e minuciosa, sobre a base dos métodos que pretende adotar, ou seja, analisando se os objetos e objetivos do estudo são relevantes à posição teórica, empírica e política.

Como técnica de pesquisa, a observação é distinguida como um meio básico e de suma importância desse processo, mas existem trabalhos de metodologia da pesquisa que são usados na formação de professores que apresentam, de maneira restrita, a observação como uma das formas de coleta de dados.

2.2 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram quatro professoras da alfabetização que atuam em turmas dos 2º e 3º anos do ensino fundamental. A observação foi feita nas salas de aula com as respectivas professoras, juntamente com seus alunos em sala, em uma escola descrita anteriormente. Tive uma conversa formal com as professoras e realizei a entrevista semiestruturada, entretanto, ainda não satisfeita com o resultado, elaborei um questionário aberto padronizado.

As professoras são de faixa etária entre 31 e 50 anos. O tempo de atuação das mesmas em sala varia de 5 a 13 anos. Todas possuem graduação em Pedagogia pela FTC (Faculdade Tecnológica de Ciências). Apenas uma possui formação continuada pelo Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa. As quatro professoras que trabalham na instituição investigada tem Graduação em Pedagogia, 2 possuem especializações em Psicopedagogia e 1 dessas possui Gestão Escolar. As duas fizeram pelo Centro Educacional Evangélico Líber. Está entre 5 e 10 anos o tempo de experiência dessas professoras que atuam em sala de alfabetização.

2.3 Instrumentos da Análise de Dados

Para a análise de dados utilizamos as observações nas salas de aula, devidamente registradas em um caderno especificamente destinado a esse fim. Da mesma maneira as informações contidas nas entrevistas foram organizadas e sistematizadas. Os dados dos questionários utilizados junto as professoras, também mereceu tratamento adequado para que pudesse fazer parte do capítulo de análise e discussão dos dados.

2.4 Procedimentos de Coleta de Dados

O trabalho de coleta de dados foi devidamente planejado e organizado para uma melhor análise e compreensão dos resultados. De início, apresentemo-nos ao gestor e professoras da escola investigada, para falar sobre os objetivos de nosso trabalho de pesquisa que iria integrar nosso trabalho de conclusão do curso de Pedagogia. Nesse primeiro encontro, agendamos dia e horários para a realização das observações em sala de aula, para as entrevistas e para aplicação dos questionários

Nesse mesmo dia, foi entregue o Termo de Consentimento para a realização da pesquisa. O mesmo foi lido pela diretora e dado o seu consentimento para nosso trabalho de pesquisa.

A escola e toda equipe pedagógica foram bastante receptivos com a nossa visita à mesma, assim também foram as professoras que diretamente se dispuseram em contribuir para esse trabalho.

Ao retornar à escola, iniciemos a coleta de dados. Primeiramente por meio da observação. Nesse momento fiz questão de anotar todas as informações em um caderno, para não correr o risco de eu perder dados importantes na hora de analisar os resultados.

Ali analisemos todo trabalho docente sob a prática de alfabetizar e letrar. Esse procedimento ocorreu em quatro salas, com duração mínima de quatro horas em cada uma delas, totalizando uma observação de 16 horas alternadas. No momento da observação fiquemos atentos aos recursos utilizados pelas professoras; como as mesmas exerciam sua prática pedagógica e se nela fazia-se presente esse novo e tão importante conceito, que é o “letramento”.

Em outro momento, dando continuidade a esse trabalho, foi realizado ainda em sala o preenchimento do questionário pelas professoras, que mesmo sendo respondido por elas, fiz questão de acompanhar, para que se houvesse alguma eventual dúvida, elas pudessem esclarecer.

Esse questionário foi parte fundamental na coleta de dados. Ele foi composto por 10 questões, nas quais as professoras tiveram livre arbítrio para responderem o que sabem e pensam sobre o tema em pesquisa.

2.5 Procedimentos de Análise de Dados

Comecei a leitura do referencial teórico no dia 10 de setembro, apesar de vir realizando outras leituras anteriormente referentes ao tema. Isso porque já havia decidido bem antes, que esse seria o tema escolhido e a pesquisa qualitativa semiestruturada que faria parte desse trabalho, da mesma forma já havia decidido pelo caminho metodológico da pesquisa empírica.

No dia 3 de novembro procurei a escola para me apresentar e entregar o termo de consentimento. Nos dias seguintes, ou seja, de 4 a 7 realizei a observação participante em sala. No último dia dessa observação realizei com as professoras o preenchimento do questionário.

Nos momentos de observação, nas quatro salas, percebemos aulas dinâmicas e bem proveitosas para o aprendizado dos alunos, apesar da escassez em material didático-pedagógico. Presenciamos naquele momento vários pontos que são considerados importantes ou não, no processo de alfabetização e letramento, tais como: participação dos alunos nas aulas, relevância do conteúdo para a faixa etária, maneira em que os alunos sentam em sala, se os mesmos se sentiram à vontade para participar junto à professora no momento de expressarem suas ideias e opiniões, se houve restrição por parte de alguns alunos pelo fato de sentirem alguma dificuldade de expressão, tanto oral, quanto escrita, se existiu o momento do conto e reconta da história, se os alunos têm acesso livre a materiais didáticos, tais como: livros, se as professoras estão preocupadas com o aprender de seus alunos e como fazem para preencher de conhecimentos significativos, já que essa tarefa é concebida como grande responsabilidade da instituição educacional nos dias atuais. Enfim, se a visão do ambiente em sala era mais voltada a uma alfabetização tradicionalista: cada um em seus lugares, apenas recebendo as informações, ou moderna, ou seja, construtivista do conhecimento; professor e alunos aptos à pesquisa.

Após a efetivação da pesquisa bibliográfica, observação e preenchimento do questionário respondido pelas professoras e analisado por mim, iniciei a comparação dos dados. Nesse momento, fez-se necessário a leitura, releitura, comparação e compreensão minha para catalogar todos os resultados.

Em seguida, todos os dados, teóricos e empíricos, aqui apresentados, foram confrontados para que tanto o pesquisador, quanto o leitor tenham uma melhor compreensão da pesquisa e de seus resultados.

Para que esse trabalho tivesse um desfecho relevante, precisei de uma vasta gama de conhecimentos sobre o tema em análise. Nesse caso, foi preciso compreender o que é alfabetizar, o que letrar, como é possível trabalhar esses dois conceitos no processo ensino e aprendizagem, como o ensino fundamental de 9 anos tem

contribuído para esse processo, o que é viver em uma sociedade letrada e o que o educando precisa ter para atuar em uma sociedade, na qual a escrita está exposta de todas as maneiras e em todos os lugares.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

Nesse capítulo estão apresentados os dados recolhidos sobre uma entrevista e um questionário aberto, do qual usei para reforçar os resultados que desejava alcançar sobre minha pesquisa, para que em seguida, discutir esses dados à luz dos autores que dão sustentação teórica ao presente estudo.

Quero deixar claro que todos os nomes das professoras que aqui se encontram, são fictícios. Isso para preservar a identidade de cada uma delas.

Nas duas primeiras questões do questionário na qual a primeira refere-se ao conceito de alfabetização e de letramento e a segunda às possibilidades de interação entre os dois conceitos, essas foram as respostas dadas pelas professoras:

ANTÔNIA: Alfabetizar é o processo pelo qual passa o educando para aprender ler e escrever, enquanto letrar é apropriar-se de todos os métodos para que os educandos, além de ler e escrever, possam compreender essa linguagem. As possibilidades de interação entre os dois conceitos são grandes, pois, não dá para restringir a alfabetização com metodologias que prepare o aluno apenas para codificar e decodificar letrar e palavras.

MARINA: Alfabetizar é ensinar a ler e escrever e a reconhecer os símbolos gráficos dessa linguagem. Letrar é dominar a leitura e a escrita para usar com competência nossa linguagem no meio social. As possibilidades entre os dois conceitos são grandes e imprescindíveis. São processos complementares, inter-relacionados, uma vez que um facilita a aquisição do outro.

LÊDA: Alfabetizar corresponde ao processo que a criança adquire em dominar a escrita, o que equivale a compreender o processo de sons em letras e das letras em sons. Letrar é guiar o trabalho textual realizado e as atividades de

leitura, respeitando o momento inicial do processo de escolarização dos alunos. Os dois conceitos trazem consequências decisivas para o ensino da língua materna. Alfabetizar é condição necessária para o processo de letramento, embora ainda não seja condição suficiente.

ZERLINDA: É o processo pelo qual passa a criança para adquirir o conhecimento da leitura e o som que a mesma representa. Letrar são práticas de ensino avaliado e ampliado pelo professor para levar o educando a compreender e praticar essa leitura e escrita, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele. Vejo o letrar como mais uma ferramenta que deve ser incluída com urgência dentro do processo de alfabetização como um auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem, na qual se faça presente as mais diversas linguagens.

Nesse quadro as professoras estão dizendo que alfabetização e letramento são conceitos diferentes, e inter-relacionados que precisam andar juntos para que a aprendizagem aconteça. Segundo elas, a alfabetização ainda é um pouco restrita sobre o sujeito atual, no que diz respeito à aprendizagem, enquanto o letramento busca as práticas sociais para o aprendizado. Dessa forma, como diz Soares (2004, p. 106), na escola, eventos e práticas de letramento são planejados, enquanto na vida cotidiana as práticas de letramento surgem em circunstâncias da vida social ou profissional.

Nas questões de nº 3 e nº 4 sobre a existência de bibliotecas ou sala de leituras para os alunos e o acesso dos mesmos a materiais desse tipo, tais como: livros, revistas, gibis, filmes e vídeos, a questão de nº 3 foi unânime por todas as professoras:

ANTONIA: Não. Por serem restritos na escola esses materiais, os alunos fazem pouco uso dos mesmos, o que dificulta na aprendizagem.

LÊDA: Não. O uso desses materiais pelos alunos é bem pouco.

MARINA: não. O acesso a esses materiais didático-pedagógicos é pouco, principalmente filmes e vídeos.

ZERLINDA: Não. Por a escola não apresentar um acervo de livros de diferentes

gêneros literários e outros materiais, os alunos acabam fazendo pouco uso desses materiais.

No segundo quadro os professores relatam que não existem na escola biblioteca ou sala de leituras para os alunos, por esse motivo os mesmos não desfrutam adequadamente dos materiais didáticos que favorecem o letramento. Portanto, Soares (2009, p. 58), diz que, em realidades de países como o nosso, o contato com livros, revistas e jornais não é, ainda, algo natural e acessível, portanto, essa realidade não contribui para a formação de sujeitos letrados.

Sendo assim, é visível nessa escola que há uma restrição de conhecimentos, ou seja, mesmo com tantos esforços por parte das professoras, ainda não é possível desfrutar de práticas sociais de leitura e de escrita que atenda uma maior realidade desses alunos.

As 5^a 7^a e 8^a perguntas referem-se aos fatores que contribuem para o sucesso e o fracasso escolar da leitura e da escrita, os materiais utilizados para trabalhar as competências e habilidades em língua Portuguesa e as dificuldades que ainda prevalecem sobre o trabalho docente de cada uma;

ANTÔNIA: Tudo deve ser analisado e levado em consideração para, a partir daí ter uma visão mais holística dos fatores positivos e negativos. Família e escola talvez não precisem andar juntas, mas olhar na mesma direção. A falta da família e o comodismo da escola são grandes fatores contribuintes e negativos para o fracasso escolar. Sempre busco fazer minha parte, levando para sala de aula textos literários, filmes, tarefas impressas, livros de receitas culinárias, trava-línguas e interpretação de texto.

LÊDA: Para o sucesso escolar o planejamento e qualificação do professor são essenciais. Nesse planejamento precisa estar o conceito familiar e o amor do pedagogo pela profissão. Portanto os fatores que contribuem para o fracasso vêm de uma aula mal planejada, falta da família e escola sem estrutura.

Trago em minha prática pedagógica livros de literatura infantil, gibis, livros de receitas, entre outros, pois, a maior dificuldade apresentada por meus os alunos é entender como o sistema de escrita funciona.

MARINA: O reflexo familiar é peça-chave para o sucesso ou fracasso escolar, assim como a elaboração de metodologias para intervir no processo ensino e aprendizagem que serão usadas pelo professor. Portanto, o professor precisa levar em consideração os fatores externos presentes na rotina do educando, trabalhando textos diversificados e de acordo com a faixa etária da turma. Por ser uma turma de 3º ano, a facilidade de trabalhar o letramento está na própria contribuição deles e a maior dificuldade está naqueles que ainda não conseguem dominar a leitura e a escrita.

ZERLINDA: Acredito que um dos fatores fortemente ligados ao sucesso escolar referente à leitura e escrita é o trabalho em equipe: família e escola. Para o fracasso, considero a ausência da família, a má elaboração das metodologias, principalmente quando não leva em consideração a realidade do aluno, e a falta de materiais didáticos. Por isso, sempre busco ingressar em minha prática pedagógica, para alcançar as competências e habilidades em Língua Portuguesa de meus alunos, livros de literatura infantil, tarefas mimeografadas, atividades na lousa e no caderno e dou sempre valor ao lado protagonista dos alunos. Vejo nos alunos uma grande vontade de aprender, considero isso uma facilidade para o ensino e aprendizagem, porém, essa aprendizagem ainda não é satisfatória por falta de materiais didáticos.

O quadro acima revela os resultados das questões 5, 7 e 8, no qual ficam visíveis alguns dos fatores que contribuem para o sucesso e fracasso escolar. Segundo as professoras, em processo de ensino aprendizagem, a família, a qualificação dos professores para uma melhor especialização em seus métodos e os materiais didáticos são peças cruciais para uma aprendizagem de qualidade, portanto, é preciso haver um trabalho em equipe e, segundo Oliveira, (1992, p. 65,) a intervenção pedagógica intencional para que ocorra o processo de alfabetização. Portanto, a falta desses recursos também interfere diretamente para o fracasso escolar, pois, segundo Oliveira, (1998 pag. 64), a escrita não é um código de transcrição da língua oral, mas um sistema de representação da realidade.

Sendo assim, tanto a família como a escola é responsável pelo processo de ampliar a escrita e a oralidade no educando, processo que começa bem antes da

escolarização da criança.

A 6ª questão dá espaço às professoras para relatar um pouco sobre como tem desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem e as atividades relacionadas ao letramento:

ANTÔNIA: Não costumo prender os meus alunos entre quatro paredes. Sempre dou autonomia e liberdade a eles, no que se refere ao processo ensino e aprendizagem. Sempre realizo eventos, usando datas comemorativas, também busco trabalhar a realidade vivida por eles de maneira lúdica e significativa, acredito que desta maneira é possível desenvolver um processo de ensino e aprendizagem com atividades relacionadas ao letramento.

LÊDA: Uma criança, desde bem pequena, mesmo que ainda não saiba ler e escrever traz conhecimentos significativos para a prática pedagógica, portanto, já participa de uma prática letrada. Cabe à escola valorizar a realidade de seus alunos, fazendo uso nas atividades das práticas sociais de leitura e de escrita.

MARINA: Busco sempre ingressar conteúdos que observo ser significativos para os meus alunos. As atividades são fundamentadas, levando em relevância a faixa etária e o conhecimento apresentado pelos educandos.

ZERLINDA: Sempre formamos grupos de professores para trocar ideias e assim elaborar um trabalho que vincule escola e sociedade. As práticas sociais estão expostas por todos os lugares, porém, há a necessidade de intervenção para tornar esses saberes sistematizados.

Segundo as respostas dadas pelas professoras sobre a 6ª questão pude perceber que o conhecimento das mesmas são relevante no que diz respeito a leitura, a escrita e as práticas sociais desse sistema, pois, o conhecimento das mesmas está expresso no Documento Orientar para o Ensino Fundamental de nove anos, no texto sobre Letramento e Alfabetização: Pensando a prática pedagógica, (2ª edição. 2007, p. 10) quando diz que é preciso “assegurar a formação de estudantes que leem, escrevem, interpretam, compreendem e fazem uso social desses saberes. Portanto, fica evidente, baseado em conhecimentos teóricos e falas das professoras, que precisa um consenso por parte de todos envolvidos no ensino aprendizagem da

criança. É preciso reconhecer que o ser humano não se forma, nem transforma o seu meio sozinho. Toda intervenção serve para que o mesmo aprenda e compreenda a escrita apresentada em seu meio e dela desfrute com competência. Na questão de nº 9: seus alunos têm contribuído para serem leitores e escritores com competência? Por quê?

Todas responderam em poucas palavras, porém, com grandes significados.

ANTÔNIA: Sim. Porque tem bom gosto em ler, ou seja, leem tudo o que gosta e que o educador sugere. Como eles têm o conhecimento que a escola não oferece materiais suficientes para que a prática do letramento aconteça de maneira satisfatória, os alunos se disponibilizam em trazer alguns materiais de casa, tais como: CDs, DVDs, livros de literatura infantil e de culinárias.

LÊDA: Sim. Porque tem amor pela leitura e isso é fundamental nas atividades desenvolvidas.

MARINA: Sim. Porque a maioria deles gosta de ler e tem o incentivo do educador.

ZERLINDA: Sim. Porque se sentem atraídos pelo que fazem. Gostam de ler e ouvir histórias e a partir delas, interpretam o que entendeu.

Na última pergunta, porém, não menos importante, deixei o espaço aberto para que as professoras, caso achassem necessário, acrescentassem algo que talvez não tivesse sido falado, ou mesmo que precisasse ser complementado por elas, se julgassem importante. Nesse espaço nada mais foi acrescentado.

Ao final de todo esse processo, a primeira evidência percebida é que os autores estudados e as professoras entrevistadas nesse trabalho têm uma visão muito similar sobre o conceito de letramento dentro do processo de alfabetização.

Para Soares, (2003, p. 08) “no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização” e a alfabetização, segundo Oliveira (1998, p.64) é o domínio progressivo desse sistema que começa muito antes de a criança se escolarizar.

Portanto, segundo Oliveira, (1992, p. 65 apud Vigotsky, 1984,) faz-se necessário “a intervenção pedagógica intencional para que ocorra o processo de alfabetização, de

domínio do sistema de leitura e escrita”. Como afirma Kato, (1986, p. 07) a função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado.

Não se pode negar que o educando só pode ser considerado letrado se passar pelo processo de alfabetização, pois, mesmo que o aluno possua todas as grandezas de uma sociedade letrada, se não for alfabetizado, ele não pode ser considerado letrado. Da mesma forma, o aluno que conclui seu ciclo de alfabetização, conseguindo apenas ler e escrever, se não dominar as práticas sociais de leitura e escrita que estão presentes em seu cotidiano, não pode ser considerado letrado.

As professoras Antônia, Marina, Leda e Zerlinda confirmam, em suas respostas, as afirmações dos autores. Para elas alfabetizar e letrar são processos complementares, no qual um facilita a interrelação do outro para a aprendizagem.

As professoras também reforçam a fala de Soares (2009, p. 58) quando alega sobre a dificuldade de acesso dos alunos com livros, revistas e jornais e que isso é um dos fatores que contribui para a não formação de sujeitos letrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo observar e analisar o trabalho desenvolvido por quatro professoras dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública, em relação ao processo de alfabetização e letramento, bem como, esses dois conceitos são compreendidos e se revelam nas práticas pedagógicas das professoras pesquisadas, considerando a dimensão de prática social inerente a noção de letramento/alfabetização.

A discussão teórica contribuiu para elucidar determinadas práticas e conceitos observados no cotidiano escolar, quando articulamos as ideias dos autores estudados, às falas das professoras entrevistadas e nossa reflexão sobre a temática investigada.

Com as observações, inúmeras leituras e releituras e com a realização da entrevista semiestruturada seguida de um questionário aberto com as professoras, sobre o processo de alfabetização e o conceito de letramento, é possível denotar que, apesar do letramento ser um conceito novo, porém valioso no processo de aquisição da aprendizagem, as professoras já possuem um grande conhecimento e até domínio sobre a leitura, a escrita e as práticas sociais para alcançar a formação sistematizada, porém levando em consideração os conhecimentos prévios de seus educandos e as necessidades ainda apresentadas pela escola.

A família, segundo as professoras observadas e entrevistadas, é peça crucial do desenvolvimento da leitura e da escrita, a escola, infelizmente também não tem estrutura adequada para atuar nesse processo, principalmente sozinha. Falta biblioteca, aparelhos eletrônicos, ou seja, um ambiente mais favorável, que dê suporte aos professores.

Em suma, faço as minhas considerações, deixando claro que os resultados esperados pela minha pesquisa foram relevantes. Com esse trabalho consegui maior conhecimento sobre o conceito da leitura e da escrita, as práticas sociais que banham esse processo e como todo esse caminho de alfabetização e letramento está sendo trabalhado em uma escola da zona rural no município de Carinhanha-Ba. Com esse trabalho foi possível identificar que não há uma definição única e exata sobre o conceito de letramento. Entretanto é possível identificar que a criança

apenas alfabetizada com os paradigmas da educação há alguns anos atrás se sente incapaz de ler e interpretar os conhecimentos ao seu redor no mundo atual.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Educação e Construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8.069/90 atualizado com a Lei nº 12.010 de 2009 3ª Edição - Fevereiro/2012

BRASIL Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CASTORINA, J.A et all - Piaget - Vigotsky 5ª ed. Novas Contribuições para o Debate, SP , Ed Atica, S.A 1998.

Dicionário Aurélio Junior: dicionário escolar da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira e Margarida dos Anjos, - Curitiba: Positivo, 2005.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

LAKATOS, E.M; **MARCONI**, M.A. Fundamentos de metodologia científica, 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LUDKE, Menga; **ANDRÉ**, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

OSTETTO, Esmeralda Luciana. **Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. – Campinas, SP: Papirus., 2008. - (Coleção Ágere).

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acessado em: 01/11/2013

SOARES, Magda, “*Letramento, um tema em três gêneros*”. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 25, jan/fev/mar/abr de 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010

APÊNDICES

Roteiro da Entrevista estruturada realizado com as professores

I – Identificação

Nome: _____

Faixa etária: _____

Formação acadêmica: _____

Ano de conclusão do curso: _____

Tem pós graduação? _____ Qual? _____

Quanto tempo trabalha com esse nível de escolaridade?

Possui cursos de formação continuada?

Quais? _____

II - Desenvolvimento

1 Em sua opinião, o que é alfabetizar? E o que letrar?

2 Quais as possibilidades de interação entre os dois conceitos?

3 Em sua escola existe biblioteca ou sala de leitura para os alunos?

4 Como é o acesso dos alunos aos materiais didático-pedagógicos (livros, revistas, gibis, filmes, vídeos)?

5 Em sua opinião, quais os fatores que contribuem para o sucesso e o fracasso escolar, no que diz respeito à leitura e à escrita dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental?

6 Relate um pouco como tem desenvolvido o processo de ensino aprendizagem, especialmente, as atividades relacionadas ao letramento para os alunos.

7 Que materiais didáticos a senhora têm utilizado em sua prática pedagógica para trabalhar as competências e habilidades em Língua Portuguesa de seus alunos?

8 Quais as facilidades e dificuldades a senhora tem tido para trabalhar o letramento com seus alunos?

9 Em sua opinião, seus alunos têm conseguido construir habilidades para serem leitores e escritores com competência? Por quê?

10 A senhora gostaria de falar mais alguma coisa que não perguntei?

Grande abraço, Cláudia.

PARTE III: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA

Toda criança, desde bem pequena, traz em suas perspectivas, sonhos que um dia poderão ser realizados ou não. Depende, na maioria das vezes, do ambiente em que a mesma encontra-se inserida. Se o convívio é forte entre pessoas que possuem uma educação sistematizada e que têm seus empregos em função disto, ela também se inspira nessa formação. Outras crianças se inspiram, além da família, e dá vazão, sua vocação em ambientes como: escola e comunidade.

O meu sonho em me tornar Pedagoga veio da influência negativa de alguns professores sobre seus alunos na minha época do ensino fundamental. Não entendia muito bem porque eles tinham que agir daquela maneira. Então criei as minhas expectativas de um dia me tornar professora. Queria poder fazer diferente um dia: depositar nas crianças todo carinho, atenção, compreensão, respeito e, principalmente, poder mudar aquele cenário sem instigação. Às vezes ficava me perguntando: o que levava um professor a ser tão desumano com seus alunos? Talvez a falta de conhecimento, talvez uma maneira que o mesmo encontrava para se tornar autoridade em sala.

Hoje, no final do curso de Pedagogia pela UAB na UnB, descobri a resposta para as minhas tão inquietantes perguntas. Em algumas épocas atrás a maioria dos professores que assumia uma sala de aula não tinha formação superior, especificamente, em Pedagogia. Talvez, devido a isso aqueles professores usassem a metodologia de educação bancária e tradicional, a qual era feita com estupidez e distanciamento entre professor e alunos para manter o autoritarismo.

Descobri que a minha curiosidade em conhecer e entender melhor o mundo infantil está justamente em sala de aula, por isso as minhas expectativas continuam voltadas para o campo educacional.

Pretendo dar continuidade aos estudos com especialização em Psicopedagogia. Quero entender melhor a relação entre professor e aluno. Quero um dia poder mostrar que, além de formar alunos para exercer no mercado de trabalho, de antemão é necessário formá-lo também para o convívio social.

A carreira de professor continua fazendo parte de minhas perspectivas. Apesar de já ter atuado como professora de Programas, como: TOPA, Brasil Alfabetizado, EJA, SCFV (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos) pretendo fazer muito mais pela educação de nosso País. Quero continuar mostrando que a educação se faz e se dá através de exemplos, no qual neles estejam presentes os conhecimentos diversificados, a ética social. Quero poder continuar compartilhando que as pessoas só terão atitudes diferentes quando começarem a conviver com costumes diferentes, que valorizam o respeito, o carinho, a compreensão e, acima de tudo, nos deem direitos iguais por sermos singulares.

Quero poder um dia trilhar o caminho da modernização dentro de uma sala, principalmente que atenda crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental. São através de caminho caminhos como esse que brota os desafios, e são os desafios que nos levam ao conhecimento.

Quero poder alfabetizar sabendo da minha responsabilidade sobre a formação sistematizada do sujeito, e que o mesmo adquira a importância de sua autopercepção perante os processos sociais exigidos pelo meio educacional e social.

Quero poder preparar seres críticos e reflexivos que não se restrinjam ao conhecimento apresentado apenas em sala de aula, mas sujeitos que sejam capazes de resolver demandas nascidas fora do contexto escolar, ou seja, em sua vida cotidiana.